

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

MEMORIAL

Maria Augusta da Costa Vieira

Concurso Público
Cargo de Professor Titular

São Paulo / abril / 2014

*/.../ la discreción es la gramática del
buen lenguaje, que se acompaña con el uso.*

Cervantes, *DQ*, II, 19.

Nota introdutória

O presente memorial contém três partes. A primeira delas traça um histórico de minha formação e de minha atuação como professora e pesquisadora da Área de Espanhol, mais especificamente da Literatura Espanhola, vinculada ao Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nessa primeira parte optei, quando possível, pela fluência discursiva em detrimento da enumeração de atividades, precisão de datas e outros detalhes que se encontram armazenados no Currículo Lattes. A segunda parte também conta uma história, embora o seu foco incida sobre os caminhos críticos e teóricos adotados que alimentaram algumas certezas e muitos impasses ao longo do processo de análise da obra de Miguel de Cervantes. A terceira parte, por sua vez, traz o Currículo Lattes atualizado.

Sumário

Parte I: Esboço de uma história	6
• Das origens	6
• Formação escolar	7
• Atividades extracurriculares	9
1) Teatro amador	9
2) Morro Doce	10
3) Alfabetização de Adultos e a Revolução na América Latina	10
• Estudos Universitários	11
1) Graduação: Curso de Letras Português/Espanhol	12
2) Cursos de especialização na Espanha e ingresso no ensino superior	13
3) Pós-Graduação: Mestrado	14
4) Pós-Graduação: Doutorado	16
5) Viagens a Madri e Berkeley e Tese de Doutorado	17
• Livre-docência e Progressão na Carreira Docente	20
• Docência	21
1) Graduação	21
2) Pós-Graduação	25
3) Professores convidados e disciplinas compartilhadas	28
• Orientações	30
1) Iniciação científica	31
2) Mestrado e Doutorado	32
3) Orientações em andamento	35

4) Supervisão de Pós-Doutorado	37
• Grupo de Pesquisa: "Cervantes: poética, retórica e formas discursivas na Espanha dos séculos XVI e XVII"	37
• Participação em bancas	39
• Avaliação dos Cursos de Letras	39
• Atividades administrativas	41
1) Chefia do Departamento de Letras Modernas	41
2) Algumas iniciativas da chefia	43
3) Presidência da CILE - Comissão Interdepartamental de Letras	44
• Participação em diretorias de associações: Asociación Internacional de Hispanistas e Asociación de Cervantistas	44
• Participação em Congressos e reuniões científicas	45
• Conferências, palestras, entrevistas e curadoria	49
• Organização do "Simpósio Cervantes: Dom Quixote 400 anos"	52
• Organização do <i>Simposio Hispano-Brasileño de Jóvenes Hispanistas del Siglo de Oro</i>	53
• Organização do <i>IX Congreso de la Asociación de Cervantistas</i>	55
• Participação em Grupo de Pesquisa Internacional	55
• CNPQ: Bolsa Produtividade em Pesquisa 1 D	57
• Publicações	61
1) Parecerista <i>ad hoc</i> e participação em conselhos editoriais	63
2) Organização do volume 6 da <i>Revista Caracol</i>	65
3) Livros	65
• Conversa em um ônibus em Havana	68
Parte II: A letra e os caminhos	69
• Mestrado e Maneirismo	71
• Doutorado e a crise da abordagem romântica	73
• Caminhos que se bifurcam	75
1) <i>Dom Quixote</i> no Brasil	76
2) O Discreto, a narrativa cervantina...	77
Parte III: Currículo Lattes	83

Parte I: Esboço de uma história

- **Das origens:**

Nasci em 1951, na cidade de São Paulo. Apesar de paulistana, toda minha família é do sul de Minas Gerais, o que acabou deixando vestígios de mineiridade em meu modo de ser. Se este parece ser um dado circunstancial, apenas posso dizer que “ser mineiro” deixa algumas marcas. Creio que não seria capaz de explicitar clara e brevemente os sentidos que encontro nas minhas origens, mas de qualquer modo tenho a convicção de que os de Minas têm um jeito próprio de ser, de sentir, de pensar, de se relacionar e também de silenciar. Quando li pela primeira vez o *Oráculo manual y arte de prudencia* de Gracián, tive a impressão de que ali, em alguma medida, estava bem desenhado o perfil do mineiro quando diz, por exemplo, “las verdades que más nos importan vienen siempre a medio decir.”

Ao referir-me a Minas, tenho em mente os velhos tempos – não os de hoje, muito diversos – o das noites de inverno, no período de férias, mês de julho, década de 50, quando, após o jantar, os mais velhos se dirigiam à sala de visitas sempre animada por conversas de tom mais sério, enquanto que as crianças, junto com alguns dos empregados que trabalhavam na fazenda, iam para a cozinha, à beira do fogão de lenha,

ouvir histórias maravilhosas e assombrosas, de cobras traiçoeiras e de mistérios ocorridos nas matas e nas noites do sertão.

- **Formação escolar:**

Tive o privilégio de desfrutar dos últimos anos em que a escola pública tinha elevada qualidade. Fiz a pré-escola e o curso primário no Grupo Escolar Experimental, situado na Lapa, que na época era um importante centro piloto de educação da rede pública estadual. Minha turma fazia parte de uma experiência inovadora que era a de constituir uma classe “homogênea”, reunindo num mesmo grupo alunos com habilidades intelectuais similares e que deveriam seguir juntos durante os quatro anos de escolaridade primária. Como integrante deste grupo, apenas posso afirmar que guardei as melhores lembranças dessa etapa inicial de contato com os números e as letras e também de convivência em grupo. A partir dessa experiência, tenho a impressão de que ficou registrado na soleira da consciência um gosto especial pela escola pública. Apesar desse gosto, não consegui evitar que meus pais optassem pelo ensino em escolas particulares de viés religioso após o curso primário e, sendo assim, de 1963 a 1967 estudei no Colégio Rainha da Paz e, posteriormente, de 1968 a 1970 no Colégio Sion. Ao longo desses anos, isto é, 1963 a 1970, os temas pelos quais mais me interessei foram a condição da mulher e sua emancipação, as notícias que nos chegavam da Suécia do então chamado amor-livre, os primeiros contatos com o conceito de ideologia, os movimentos estudantis e sindicais com a conseqüente repressão política, a Guerra do Vietnã e em particular alguns escritos de Ho Chi Minh, o Cinema Novo Brasileiro, em especial a obra de Glauber Rocha e os trabalhos de Carl Gustav Jung.

Lembro-me do grande impacto que me causou ouvir dois notáveis pensadores que foram ao Colégio Rainha da Paz apresentar suas idéias para aquelas alunas de 12 a 13 anos. Um deles foi Flávio Di Giorgi – aparência meio desengonçada, terno de linho branco amarrotado, cinzas de cigarro espalhadas à sua volta e que insistia em colocá-las numa caixinha de fósforo já transbordante – que, com inteligência e clareza, nos falou

de como o “valor” que se atribuía às coisas era algo circunscrito a um tempo histórico. Creio que essa foi a minha introdução ao conceito de ideologia. Também esteve Rose Marie Muraro – mulher brilhante, batalhadora, estudiosa e autora de livros - que, creio, foi uma voz marcante no Brasil em defesa da emancipação da mulher. Posso dizer que essas duas palestras foram fundamentais no meu modo de entender o momento em que vivíamos e de me introduzir, de alguma forma, numa reflexão de caráter filosófico.

Tão importante quanto os dois palestrantes foram os padres do Convento dos Dominicanos (já não me lembro de seus nomes) que iam com frequência ao colégio para nos explicar o que acontecia no país e por que estudantes, padres, sindicalistas, pensadores, músicos, artistas iam para a prisão. Lembro-me também da experiência marcante que significou ter duas professoras – uma de Expressão Artística, outra, de Português – que faziam parte do grupo de Lauro de Oliveira Lima e que nos introduziram nas práticas da Dinâmica de Grupo.

O período do Ensino Médio, ou Colegial – como se dizia na época – 1968 a 1970, também se deu numa escola feminina e religiosa. Foram momentos enriquecedores, principalmente pelas atividades paralelas à escola que tive a oportunidade de realizar e que me abriram horizontes importantes. O contato com colegas pertencentes a uma elite econômica e social – mais do que no colégio anterior – e com interesses radicalmente diversos dos meus, acabou se convertendo para mim num aprendizado e num constante exercício de observação acerca do horizonte de expectativas daquele grupo social carente de recursos e de motivações para entender as notícias alarmantes sobre a consolidação da ditadura militar tão presentes naqueles tempos.

Em termos especificamente escolares, o que foi mais enriquecedor nesses anos de Colégio Sion foi o fato de ter tido Berta Waldman como professora de Literatura. Com ela entrei em contato com a análise literária e, em particular, com a obra de Machado de Assis, entre muitos outros autores, brasileiros e estrangeiros, o que, sem hesitação, levou-me a escolher o Curso de Letras. Berta tinha a qualidade excepcional de nos estimular para a reflexão sobre diferentes temas e, em particular, para a leitura e pensamento sobre os textos de diferentes gêneros e épocas, abrindo um espaço respeitoso para a livre manifestação de nossas ideias. Ao mesmo tempo, nos

surpreendia ao desenvolver análises de textos que deixavam evidente os poderes que guardavam a linguagem poética. Suas aulas eram, sem dúvida, as mais desejadas de todas. Certa vez, Berta fez uns comentários interessantíssimos sobre a psicologia de Carl Gustav Jung em uma de suas aulas e a partir daquele momento passei a buscar e a ler sistematicamente várias de suas obras embora pouco ou quase nada entendesse daqueles textos. O livro de Yolanda Jacoby, *La psicología de Carl Gustav Jung*, me ajudava bastante, mas mesmo assim o nível de abstração e a exigência prévia de determinadas noções conceituais dificultavam a entrada naquele universo que estava muito além da minha capacidade de entendimento. Apesar disso, eu alimentava a crença de que a perseverança na leitura poderia, em algum momento, reverter esse quadro de dificuldades.

As aulas da Berta eram assim: sempre nos traziam inquietações prazerosas. Tive a oportunidade de dizer algumas vezes a ela de sua importância no meu percurso profissional.

- **Atividades extracurriculares:**

- 1) **Teatro amador**

Paralelamente à vida escolar dediquei-me a outras atividades que foram tão ou mais importantes do que a própria escola. Uma delas foi a participação em um grupo de teatro entre 1966 e 1968, TASC – Teatro Amador Santa Cruz – dirigido por Mario Ricardo Piacentini, vinculado inicialmente ao Colégio Santa Cruz e, posteriormente, um grupo independente. Com alguma experiência acumulada, o grupo passou a desenvolver laboratórios de criação coletiva na linha do que propunha Grotowsky. Entre outras, levamos ao palco uma peça com um título um tanto divertido: *Populus labirinto mas eu prefiro a classe média* – uma seqüência de doze cenas sem encadeamento linear que abordavam desde o movimento estudantil, ainda em pleno vigor, até cenas inspiradas na vanguarda tropicalista. Uma das cenas recriava uma assembléia estudantil e a mim coube a representação de uma líder que conclamava a todos para a luta contra o golpe militar e a repressão política. Para isso inspirei-me em Catarina Meloni que na

época era uma líder importante. Tive a oportunidade de vê-la em um comício relâmpago na Rua Maria Antonia num dia em que saí do Colégio Sion para participar de uma manifestação que ocorria nas proximidades da Faculdade de Filosofia da USP.

2) Morro Doce

Outra atividade realizada entre 1968 e 1969 foi de cunho essencialmente social. Particpei de um grupo que desenvolveu um trabalho de levantamento das condições de vida dos moradores do Morro Doce, uma comunidade relativamente pequena, vivendo em condições precárias, situada no quilômetro 24 da Rodovia Anhangüera. A finalidade da pesquisa era a de se chegar a alguns dados objetivos e, a partir daí, criar junto com a comunidade uma associação de bairro como instrumento de luta por condições minimamente dignas de vida. Nesse período, no entanto, a repressão em torno dos movimentos sociais se acirrou e o grupo, por sua vez, não dispunha de recursos para seguir adiante.

3) Alfabetização de Adultos e a Revolução na América Latina

A grande preocupação com os problemas sociais logo encontrou outro campo de atuação, o que deu início a uma longa história de envolvimento com a educação. De 1968 a 1971, portanto desde o primeiro ano do Colegial (hoje Ensino Médio) até o primeiro ano da faculdade, dediquei-me à alfabetização de adultos no Grupo Escolar Experimental (o mesmo em que fiz o curso primário). Evidentemente, tratava-se de uma dedicação de caráter voluntário já que nesse momento eu ainda freqüentava o Curso Normal no Colégio Sion. Este grupo de professores do Experimental, dedicados à alfabetização de adultos a partir do chamado “Método Paulo Freire”, já proibido nesse período, tinha a perspectiva de elaborar as etapas seguintes da alfabetização dentro da mesma linha pedagógica e educacional. Apesar da repressão intensa, o grupo usufruía de certa liberdade nessa escola a ponto de não seguir as diretrizes da Secretaria Estadual de Educação por se tratar de uma escola experimental e desse modo era possível utilizar uma metodologia própria, desde que não se declarasse o nome do seu idealizador que a essas alturas já se encontrava no exílio.

Entre 1960 e 1970, o número de analfabetos no Brasil era de aproximadamente 33% da população e havia um forte movimento migratório de mão-de-obra nordestina para São Paulo que, na maioria das vezes, era analfabeta. Em torno dessa experiência de trabalho no Experimental, o grupo de professores consolidou-se e ampliou suas perspectivas de atuação em torno de dois projetos: dar continuidade ao “Método Paulo Freire”, criando uma metodologia para as etapas seguintes da formação escolar do adulto e ampliar e difundir na América Latina essa metodologia de alfabetização, já que os vizinhos hispano-americanos vivenciavam situações similares. Para a difusão do método na América Latina foi criada por nós uma associação – Abravo (Associação Brasileira de Serviço Voluntário) – que se envolveu com outras associações internacionais, organizando seminários relacionados à prática da alfabetização de adultos. O grupo era relativamente pequeno – 14 membros – e os que se encarregavam do curso de alfabetização eram exatamente os mesmos que se dedicavam ao projeto com perspectivas latino-americanas. Embora eu fosse a mais jovem do grupo, tive a possibilidade de participar e coordenar seminários junto com outros colegas no Brasil, na Argentina (Buenos Aires) e, em 1970, participei, como representante do grupo, de um seminário realizado em Kingston, Jamaica, voltado para os problemas sociais e de analfabetismo do Caribe.

Essas experiências foram marcantes e, embora o grupo não tenha tido condições de dar continuidade ao trabalho por razões políticas e administrativas, a participação em projetos que vinculavam a sala de aula com os grandes problemas latino-americanos havia ampliado meus horizontes e criado laços por meio da língua e da cultura relativa ao mundo hispânico dos quais jamais me separei. Para encerrar este item, devo esclarecer que muitas dessas atividades não dispõem de comprovantes pois nunca poderia supor que em algum momento elas teriam alguma utilidade que não fosse o próprio envolvimento com o trabalho. Julguei importante historiar essa trajetória na medida em que muitas das preocupações e interesses aqui apresentados estão na base dos meus percursos ulteriores.

- **Estudos Universitários**

1) Graduação: Curso de Letras Português/Espanhol

Quando ingressei na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1971, o Curso de Letras já tinha sido transferido para a Cidade Universitária, alojado nos então chamados “barracões” – um espaço físico bastante precário e inadequado para comportar atividades didáticas. Não havia forro nas salas de aula, e nos dias de chuva as gotas de água que se chocavam contra as telhas de amianto produziam um ruído tão potente que acabava abafando a voz do professor. A repressão era violenta e havia um clima constante de desconfiança quanto a possíveis informantes infiltrados nas salas de aula, na lanchonete, nos corredores. O centro acadêmico era inexpressivo e não encontrava formas viáveis para fazer renascer qualquer movimento estudantil. As salas eram lotadas de alunos e lembro-me que no primeiro ano o grupo que formamos para a preparação de um seminário sobre “O espelho” de Machado de Assis, para a disciplina Introdução aos Estudos Literários, era constituído por vinte e quatro alunos.

Optei por matricular-me no Curso de Letras – Português e Espanhol – e embora gostasse do estudo da língua francesa, considerei que o melhor seria seguir os cursos da Aliança Francesa, já que eu entendia que Curso de Letras não deveria ser considerado como um instituto para se aprender línguas estrangeiras. Na realidade, meus interesses na Universidade concentravam-se nos estudos literários, isto é, teoria literária, literatura brasileira, portuguesa, espanhola e hispano-americana. Creio que ao longo da faculdade li mais textos sobre teoria literária do que propriamente romances, obras dramáticas e poesia. Naquela época lia-se compulsivamente alguns autores como Jakobson, Roland Barthes, T. Todorov, G. Lukács, L. Goldmann, E. Auerbach, Umberto Eco, as revistas *Communications*, *Poétique*, o Formalismo Russo.

Tive alguns professores excelentes durante a Graduação que foram fundamentais em minha formação no campo dos estudos literários, entre eles, João Alexandre Barbosa, Maria Lucia Dal Farra, Alfredo Bosi, Flávio Aguiar, Irleomar Chiampi, Teresa Pires Vara e Lucila Ribeiro Bernardet.

A partir de 1972, minhas atividades fundamentais eram o Curso de Letras, a Aliança Francesa (Curso de Nancy) e as aulas que dava no Colégio Friburgo para alunos de 2ª série primária.

Foi no último ano da faculdade (1975) que li pela primeira vez o *Dom Quixote*. Desde então não tive dúvida de que queria me dedicar ao estudo dessa obra. A experiência de leitura e um pequeno exercício de análise quando apresentei um seminário sobre o capítulo 44 da segunda parte para uma disciplina de Literatura Espanhola me permitiram vislumbrar as dimensões daquele texto e, especialmente, observar o jogo de perspectivas que envolvia o leitor em intrincadas tramas, ao mesmo tempo que possibilitava o seu distanciamento. Tinha a idéia de que nunca chegaria a dar conta das histórias do cavaleiro manchego e isto, sem dúvida, era muito atrativo.

2) Cursos de especialização na Espanha e ingresso no ensino superior

Empenhei-me o quanto pude nas disciplinas da Graduação e concedi atenção especial para as de Literatura Espanhola e Hispano-Americana. Naqueles anos, a Área de Espanhol selecionava um aluno que tivesse concluído a faculdade para usufruir de uma bolsa de estudos oferecida pelo então Instituto de Cultura Hispânica de Madri. Ganhei a bolsa e em janeiro de 1976 fui para Madri cursar o *XIII Curso Hispano-Brasileño de Lengua y Literatura Española* (janeiro a junho). Embora o curso não tenha correspondido às minhas expectativas, o fato de ter podido conhecer algo da vida espanhola foi fundamental para o desenvolvimento posterior de minha dedicação à docência e à pesquisa relacionadas com a Espanha. Tive que apresentar uma “tesina” (uma monografia) ao final do curso sobre um escritor espanhol do século XX. Escolhi o romance *Señas de identidad* de Juan Goytisolo: uma obra que narra o retorno de um espanhol à Espanha após dez anos de ausência de seu país devido à sua oposição ao governo franquista. Esse caminho de volta em busca de suas próprias raízes, isto é, de suas senhas de identidade, provoca o desencadeamento de recordações do tempo da Guerra Civil confundidas com uma Espanha já irreconhecível. Essas sobreposições de memória e experiência complementam-se com a alternância da voz narrativa entre primeira, segunda e terceira pessoa. Graças à avaliação que este trabalho mereceu, me foi concedida outra bolsa de estudos, oferecida pelo CSIC – Consejo Superior de

Investigaciones Científicas – para o *XI Curso Superior de Filología Española*, realizado em Málaga, de julho a agosto do mesmo ano.

No início de 1977, quando acabava de retornar da Espanha, numa conversa com o Prof. Mario González sobre eventuais perspectivas de trabalho, ele me convidou para assumir as aulas da disciplina Literatura Hispano-Americana (período noturno) devido ao afastamento de dois professores da Área. Obtive então uma liminar da Reitoria que me autorizava a exercer a docência em caráter voluntário como aconteceu com vários colegas nessa época. No segundo semestre, mesmo após a volta dos professores, fiquei encarregada de uma disciplina de Literatura Espanhola e, a partir desse momento, pude concentrar-me nessa área do conhecimento. Em julho de 1978 saiu meu contrato como Auxiliar de Ensino em RTP -Regime de Tempo Parcial- e somente em outubro de 1984 passei ao RDIDP -Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa. Em 1998, foi possível fazer o concurso de efetivação como docente e pesquisadora devido a uma política da Reitoria que objetivava acabar com os contratos precários e assim passei à condição de efetiva. Participaram da banca os professores Mario Miguel González (DLM/USP), Benjamin Abdala Jr (DLCV/USP); Eneida Maria de Souza (UFMG); Lucia Helena (UFF) e Bella Josef (UFRJ).

3) Pós-Graduação: Mestrado

Devo esclarecer que as atividades de pesquisa sempre estiveram intimamente integradas às da docência e, de um modo geral, tive o privilégio de estabelecer o diálogo saudável entre docência e pesquisa desde o início do Mestrado e dos primeiros cursos que ministrei na Graduação.

Em 1978 teve início o Curso de Pós-Graduação na Área de Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Fiz a inscrição para o Mestrado em Literatura Espanhola sob a orientação do Prof. Mario González e, a contragosto do orientador que insistia na idéia de que eu levasse adiante o trabalho apresentado em Madri sobre o romance de Juan Goytisolo, optei pelo *Quixote*. Em razão desta escolha, tive que assumir para ele que, uma vez perseverando na idéia de me dedicar a Cervantes, eu trabalharia sozinha e que o resultado da dissertação seria de minha inteira responsabilidade. Hoje, com o passar dos anos, considero que esta relativa negativa do

orientador acabou se revertendo positivamente porque me fez assumir como causa exclusiva minha todos os desafios e passos que fui dando rumo aos estudos cervantinos.

Era uma opção, sem dúvida, ambiciosa de minha parte uma vez que se tratava de um autor clássico e amplamente estudado e, por incrível que pudesse parecer, eu desconhecia a existência de especialistas na obra de Cervantes, com foco nos estudos literários no âmbito brasileiro e portanto não encontrava com quem pudesse conversar para uma orientação a respeito de leituras e formas de abordagem da obra. Além do mais, nossas bibliotecas eram desatualizadas e extremamente precárias com relação à crítica cervantina. Era tal a precariedade que, em pouquíssimo tempo, e com todas as dificuldades que existiam nessa época, consegui reunir em casa, graças a viagens de amigos e familiares, uma modesta biblioteca que, apesar de bastante incipiente, já superava o acervo disponível na Biblioteca do Curso de Letras.

Era começo de vida de casada, tempos de maternidade – Daniel havia nascido em 1978 e Mariana em 1980 –, salário baixo, muitas horas na preparação das aulas para a Graduação e outras tantas dedicadas à pesquisa para o Mestrado. Apesar das dificuldades, a cada vez que eu lia o *Quixote* ou fragmentos dele, reiterava minha convicção de levar o projeto adiante.

A oferta de disciplinas de Pós-Graduação naquela época era bastante restrita e muitas vezes não coincidia com o período e tema de interesse para minha dissertação. As disciplinas cursadas foram: “A fabricação do referente” com o Prof. Izidoro Blikstein; “A Paródia” com o Prof. Emir Rodriguez Monegal; “O romance picaresco” com o Prof. Mario González; “A literatura fantástica” com o Prof. Rui Coelho e “A poesia de Antonio Machado” com o Prof. Mario González. Eram os anos 1980 e vivenciávamos as vésperas dos parâmetros produtivistas da avaliação acadêmica. Em 1988 a *Folha de São Paulo* publicou em sua edição de 22 de fevereiro a lista dos “improdutivos da USP”.

Quanto à dissertação, concentrei-me num episódio que sempre me chamou a atenção: o dos Duques, do capítulo 30 ao 57 da segunda parte. O trabalho partiu de uma pesquisa em torno do conceito de Maneirismo, de onde extrai referências para a leitura e análise, enfocando sua construção narrativa, os movimentos das personagens e

do narrador. Havia um destaque especial para a ação perniciosa do duque e da duquesa em relação ao cavaleiro e as curiosas interferências dos leitores ficcionais dentro da própria obra, responsáveis, em parte, pela morte de dom Quixote. O que mais me surpreendia era a própria construção do texto que não permitia conclusões únicas e exclusivas a respeito de seus sentidos. Quando, após a análise de um episódio, se chegava a uma conclusão, em seguida surgia a possibilidade de uma nova ideia bastante diversa daquela. Esse diálogo implícito entre texto e leitor era instigante e ao mesmo tempo espetacular.

Em dezembro de 1985 defendi o Mestrado contando com a seguinte banca arguidora: professores Julio García Morejón, Davi Arrigucci Jr e Mario Miguel González, tendo obtido a nota máxima com “distinção” e “louvor”.

4) Pós-Graduação: Doutorado

Em 1985, na qualidade de ouvinte, fiz um curso de Pós-Graduação ministrado por Davi Arrigucci Jr sobre *Grande sertão: veredas*. Entre outras coisas, o curso tinha a preocupação de buscar na obra veios de distintos gêneros narrativos. Estas questões me fizeram pensar mais a fundo na teoria do romance e quando, em 1986, iniciei o Doutorado, projetei uma tese cujo eixo incidia sobre a questão do romance como gênero literário. Não tinha a menor dúvida em seguir com Cervantes e, mais especificamente, com o *Quixote*, no entanto, com base nas teorias sobre literatura comparada, propus uma pesquisa que abordaria não apenas o *Quixote* mas também o *Grande sertão: veredas*. Um possível elo entre elas seria a filiação das duas personagens com os livros de cavalaria e, nesse sentido, Riobaldo seria um cavaleiro dos tempos modernos, enquanto dom Quixote estaria nas origens dessa modernidade.

Cursei duas disciplinas, uma ministrada pelo professor visitante Antonio Gomes Moriana, da Université de Montréal, sobre paródia e “novela picaresca”, e a outra ministrada por Teresa Pires Vara sobre Clarice Lispector. No entanto, mais importante do que os cursos, foi o Exame de Qualificação, que significou de fato um momento de discussão e questionamento sobre a orientação dada ao trabalho, o que me levou a redirecionar o projeto.

Fizeram parte da banca María de la Concepción Piñero Valverde e Sandra Margarida Nitrini, além de Mario González, na qualidade de orientador. María de la Concepción me fez ver, ao contrário do que eu julgava, que o que sobrava na crítica ao *Quixote* era a abordagem romântica, discutida por René Wellek em *Conceitos de crítica*. Por outro lado, a Profa Sandra Nitrini aconselhou-me a seguir com meus estudos sobre o *Quixote* e deixar o *Grande Sertão* para outro momento. Segunda ela, o que mais faltava no âmbito dos estudos literários brasileiros era um trabalho sobre o autor espanhol. Sou muito agradecida a ela por essa sugestão certa que, sem dúvida, naquele momento, era de fato o que eu deveria fazer. A partir da Qualificação o projeto foi totalmente reconfigurado, passando a ter como eixo central a auto-referencialidade textual e a construção da personagem dom Quixote. Entre a Qualificação e a conclusão da tese tive a possibilidade de pesquisar em acervos da Espanha e dos Estados Unidos, o que ampliou, consideravelmente, as possibilidades de análise.

5) Viagens a Madri e Berkeley e Tese de Doutorado

Fui convidada por colegas a participar do Centro Ángel Rama que estava em processo de formação, constituído por professores de diversos departamentos da FFLCH/USP: Flavio Aguiar, Lígia Chiappini, Maria Helena Oliva Augusto, Sandra Vasconcelos, entre outros. Tratava-se de um grupo interdisciplinar que se reunia periodicamente a partir de 1989 com o objetivo de discutir os diversos projetos individuais de pesquisa que incidissem sobre o mundo ibero-americano. Graças a um financiamento do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – oito membros do grupo foram para uma temporada em Madri entre início de janeiro e fim de fevereiro de 1990, com o objetivo de desenvolver duas atividades: apresentar um seminário e pesquisar nas bibliotecas. O seminário foi apresentado na Universidad Complutense de Madrid e versou sobre nossas pesquisas, isto é, os textos já previamente lidos e discutidos no grupo. A realização do seminário abriu a possibilidade de alguns contatos interessantes do grupo com algumas instituições e com alguns professores. Entre eles, tivemos contato como com o então editor dos *Cuadernos Hispanoamericanos* que se interessou em publicar o meu trabalho intitulado “*Don Quijote y Grande Sertão: Veredas*” no número 499 (pp. 77-85, 1992). Além disso, o

que teve grande relevância para meu projeto de Doutorado em decorrência dessa viagem à Espanha foi a pesquisa realizada nas bibliotecas e também as visitas às livrarias paulistas.

A oportunidade de consultar os arquivos da Biblioteca Nacional, ainda não informatizados, já me dava uma idéia da proporção bibliográfica dos estudos sobre a obra de Cervantes que eu deveria enfrentar. Foi nessa ocasião que consegui fotocopiar a obra integral de J. J. A. Bertrand, sua tese de doutoramento de 1915 que estudava em detalhes o *Quixote* e sua recepção pelo Romantismo Alemão. Também tive a possibilidade de fotocopiar a tese de Doutorado de Anthony Close, publicada na Inglaterra em 1978, sobre a abordagem romântica na crítica ao *Quixote*: *The Romantic Approach to Don Quixote: A Critical History of the Romantic Tradition in QUIXOTE Criticism*.

No ano seguinte, 1991, meu então marido obteve uma bolsa do CNPq para preparar sua livre-docência em Berkeley, Califórnia; eu obtive licença das atividades de docência pelo período de um ano e assim toda a família mudou-se para lá. Nesse momento tive acesso, pela primeira vez, a uma Biblioteca totalmente informatizada, com um acervo riquíssimo e com todas as facilidades para solicitar empréstimos entre bibliotecas. Somente estando lá tive a medida mais precisa do que significavam as diferentes condições de trabalho que enfrentava um pesquisador brasileiro se comparado a um norte-americano, sobretudo em se tratando do estudo de uma literatura estrangeira.

Na University of California, em Berkeley, entrei em contato com o Anthony Cascardi (professor do Departamento de Teoria Literária) que tinha trabalhos sobre Cervantes e também com Emilie Bergman (professora do Departamento de Espanhol e Português) que se encarregava dos cursos sobre literatura espanhola dos séculos XVI e XVII e que me convidou para dar algumas aulas sobre o *Quixote* para os alunos de Espanhol. Além do mais, por intermédio do de Antonio Dimas, que conhecia o chefe do Departamento de Espanhol e Português da University of California em Santa Bárbara, entrei em contato com um cervantista de grande renome internacional, Juan Bautista Avalle-Arce, professor daquela instituição, com quem finalmente pude discutir meu projeto de tese. Foi o Prof. Avalle-Arce que me entusiasmou a participar do I

Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas (associação da qual já fazia parte) que se realizou em junho de 1991, em Almagro, Espanha.

A ida a esse congresso foi de grande importância. Além de ter podido entrar em contato com vários estudiosos da obra de Cervantes, nomes já conhecidos por meio dos livros, pude avaliar o estado em que se encontravam os estudos cervantinos, bastante diversificados, e sobretudo avaliar meu próprio projeto de pesquisa. Havia por volta de duzentos participantes do mundo todo e nem é preciso dizer que do Brasil somente estava eu em diálogo intenso com meus próprios botões. Apresentei o trabalho sobre *Grande Sertão: Veredas* e o *Quixote*: trabalho que já havia preparado para o Seminário do Centro Ángel Rama.

Quando retornei dos Estados Unidos, em janeiro de 1992, já tinha boa parte da tese redigida e em março de 1994 defendi o doutoramento. O trabalho partiu da discussão entre o trágico e o cômico no *Quixote*, retomando o debate que se deu no interior da crítica cervantina a partir da segunda metade do século XX. Em seguida, tratou das diferenças entre as duas partes da obra para chegar à análise de episódios da segunda parte que aos poucos encadeiam problemas e situações insolúveis para dom Quixote relacionados com sua própria opção pela cavalaria andante. Em lugar de suas certezas, optei pela análise dos aspectos mais paradoxais focalizando os momentos em que se defronta com seus próprios leitores: Sansão Carrasco, os Duques e os leitores do *Quixote* de Avellaneda.

Este breve resumo não deixa transparecer o intenso - quase poderia dizer dilacerante - debate que tive comigo mesma ao longo da elaboração do trabalho. Tratava-se de algo fundamental a respeito da leitura que eu mesma fazia da obra e que me obrigava a um certo ajuste entre os afetos e a razão, impossível de levar adiante naquele momento. Havia a necessidade de respeitar o prazo de entrega da tese, caso não quisesse por em risco meu contrato de trabalho. A dissertação de Mestrado tinha me conduzido a uma interpretação apaixonada da obra e com esta orientação, eu encontrava no episódio dos duques um momento da obra em que prevaleciam as forças destrutivas que investiam contra os ideais do cavaleiro. Com o firme propósito de manter a objetividade na leitura do texto, concentrei-me nas incoerências dos Duques e nas alterações que dom Quixote experimenta durante os dias de sua

permanência no palácio ducal. Na verdade, eu não conseguia esboçar o mais sutil sorriso ao ler este episódio, ao contrário do que defendiam alguns críticos como Anthony Close, que encontrava no mesmo episódio o momento mais burlesco e cômico de toda a obra.

A preparação da tese de doutoramento conduziu-me a uma revisão radical dos meus parâmetros de leitura da obra. A defesa ocorreu em março de 1994 e fizeram parte da banca os professores Davi Arrigucci Jr, Haquira Osakabe, Vilma Areas, María de la Concepción Piñero Valverde e Mario González, que avaliaram positivamente o trabalho embora eu mesma o considerasse ainda um tanto inacabado, tendo obtido a nota dez, com “distinção”.

- **Livre-docência e Progressão na Carreira Docente**

Somente catorze anos após a defesa do Doutorado, candidatei-me para a obtenção do título de Livre-Docente. Nos dias nos dias 18, 19 e 20 de junho de 2008 passei pelas etapas previstas para a realização do concurso público de títulos e provas na Área de Literatura Espanhola, junto ao Departamento de Letras Modernas. A banca foi composta pelos professores María de la Concepción Piñero Valverde (DLM/USP), João Adolfo Hansen (DLCV/USP), Guacira Marcondes Machado Leite (UNESP/Araraquara), Antonio Alcir Bernardez Pécora (UNICAMP) e Silvia Maria Azevedo (UNESP/Assis).

O programa do concurso abordou desde a poesia épica espanhola medieval até o final do século XVII, concluindo a lista de pontos com a obra dramática de Calderón de la Barca. A tese apresentada foi o resultado de uma reunião de trabalhos que dialogam entre si e que foram elaborados durante anos de pesquisa sobre a obra de Miguel de Cervantes. Na primeira parte, os capítulos recaem sobre a recepção do *Quixote* no âmbito brasileiro por meio de estudos críticos, ensaios, romances, poesias e grupos artísticos que se formaram em torno da figura do cavaleiro. Na segunda parte, a reflexão concentra-se nos textos cervantinos, em particular, no *Quixote* e nas *Novelas Exemplares*, com a preocupação de elaborar uma análise textual histórica, isto é, que

levasse em conta as preceptivas dos séculos XVI e XVII, juntamente com os códigos de conduta e os tratados de civilidade.

Na prova escrita, o ponto sorteado foi “*El burlador de Sevilla y convidado de piedra* e a comédia no século XVII” o que me levou a desenvolver o tema da constituição dos gêneros trágico e cômico e dos processos de imitação presentes na obra atribuída a de Tirso de Molina. Na prova didática o ponto sorteado foi “A poesia épica espanhola medieval: *El Cantar de Mio Cid*” e para isso parti das definições do gênero épico presentes na *Poética* de Aristóteles, passando por fragmentos da épica germânica e da épica medieval espanhola, até chegar ao enredo do *Cantar* e, em particular à constituição do herói, tratando de caracterizá-lo como herói “prudente” por meio de fragmentos da obra.

Quanto ao Memorial, foram valorizados aspectos de minha carreira acadêmica no que se refere à docência, à pesquisa e ao vínculo institucional, mas em especial a banca destacou o fato de eu ter desenvolvido uma carreira voltada tanto para o âmbito nacional quanto internacional e por ter-me tornando uma especialista dos estudos cervantinos no Brasil. (Relatório Final do Concurso publicado no Diário Oficial, São Paulo, 118 (123) -65, 2008).

Em 2012, graças ao Plano de Progressão Horizontal na Carreira Docente implantado na USP passei a Professora Associada 3 por intermédio do processo de avaliação realizado pela Comissão de Avaliação Setorial – Área Temática: Letras e Linguística – coordenado pela Comissão Central de Avaliação Docente da USP.

- **Docência**

- 1) **Graduação**

Antes de iniciar o relato acerca de minhas atividades de docência, gostaria de mencionar que no tempo em que vivíamos sob um regime autoritário, os professores de um modo geral foram se organizando em associações de classe que correspondiam em alguma medida a formas de resistência e de encaminhamento de suas reivindicações. Com essa perspectiva associei-me à Adusp – Associação dos Docentes

da USP – e também participei da fundação da Associação de Professores de Língua e Literatura, em 1978, e da APEESP – Associação de Professores de Espanhol do Estado de São Paulo – em 1983. Em 1981 havia sido fundada a APEERJ – Associação de Professores de Espanhol do Estado do Rio de Janeiro – e em pouco tempo vários estados brasileiros foram criando suas respectivas associações de professores de espanhol cuja bandeira fundamental era a implantação do ensino da língua espanhola nas escolas públicas do ensino médio. A existência dessas várias associações estaduais acabou criando a necessidade de uma associação que reunisse o conjunto de professores de espanhol em âmbito nacional e assim foi criada a Associação Brasileira de Hispanistas em 1999, da qual sou membro fundador.

É curioso que não apenas no Brasil mas também em outros lugares do mundo que viviam sob regimes autoritários, observou-se a criação de associações de professores e pesquisadores. A *Asociación Internacional de Hispanistas* que teve sempre o propósito de promover a pesquisa e o diálogo sobre idéias, métodos e enfoques desenvolvidos em diversos países acerca dos estudos hispânicos, não foi criada na Espanha franquista, mas fundada em Oxford, Inglaterra, em 1962.

Quanto às minhas atividades específicas de docência, o período em que atuei como docente voluntária foi de março de 1977 a agosto de 1978, quando fui contratada em RTP (Regime de Tempo Parcial).

Considero um verdadeiro privilégio, tendo em conta a condição de muitos docentes de Instituições de Ensino Superior espalhadas pelo Brasil afora, o fato de poder ministrar aulas na Graduação que se relacionam diretamente com minha área de pesquisa. Em outros termos, tenho muito prazer em ministrar os conteúdos que vão da literatura medieval espanhola até os finais do século XVII. Com os trinta e sete anos de docência junto à Área de Espanhol do DLM (incluindo o período em que atuei como docente voluntária), posso assegurar que, embora as disciplinas que ministro estejam concentradas num período histórico (do século XIII ao final do XVII) a experiência docente não se torna repetitiva devido ao aprofundamento e à introdução de novas perspectivas na abordagem dos textos literários.

Além das disciplinas básicas, tendo em conta o possível interesse que poderia representar para os alunos de Letras algumas noções mais específicas sobre os séculos

XVI e XVII, criei a disciplina optativa “Literatura Espanhola – Século de Ouro” e, pouco tempo depois, atendendo à solicitação de alunos interessados em conhecer mais profundamente a obra de Cervantes, a disciplina optativa, “Cervantes e os fundamentos do romance”, aberta aos alunos de espanhol e demais alunos da faculdade.

O Departamento de Letras Modernas sempre encontrou dificuldade para realizar projetos que envolvessem as cinco áreas: alemão, espanhol, francês, inglês e italiano. Considerando que muitos dos alunos de Letras terminam seus cursos sem nunca terem tido contato com algumas obras clássicas das diversas literaturas “modernas”, formamos um grupo – Diva Damato, Andrea Lombardi, Doris Natia Cavallari, Sandra Vasconcelos, Eloá Di Pierro Heise e eu – e, com início em 2001, passamos a oferecer a disciplina optativa “Por que ler os clássicos?” na qual, a partir de uma questão nuclear, cada professor se encarregava de um módulo.

A oferta de disciplinas optativas em Letras andava muito restrita e, para os alunos que se interessavam pelos estudos literários a possibilidade de entrar em contato com algumas obras como a *Divina Comédia*, *Decamerão*, *Gargântua e Pantagruel*, *Dom Quixote*, *Tom Jones*, *Werther*, entre outras, foi muito bem recebida. A pedido dos próprios alunos, demos continuidade à disciplina e criamos “Por que ler os clássicos? II”.

No entanto, após um período de entusiasmo, começam a aparecer entraves como o da sobrecarga de trabalho dos professores que passaram a enfrentar salas repletas de alunos, com o dobro ou mais do que havia nos anos 90, além de um certo desgaste em relação à própria disciplina quando esta passou a compor a grade dos cursos como algo regular, oferecida semestralmente. Constatando que após três anos o interesse havia se alterado, tanto do lado docente quanto do discente, entendemos que a proposta inicial havia caído nas malhas da burocracia, transformando-se num instrumento a mais para a integralização dos créditos. Como coordenei a disciplina desde sua implantação, a partir de 2006, outro colega manifestou interesse em assumir a coordenação e, em 2007, a disciplina deixou de ser oferecida, sendo retomada apenas em 2012.

Também criei a disciplina “Introdução à literatura Espanhola” sobre o ensaio espanhol, desde o século XVI até o século XX. Fiz uma seleção de tratados e ensaios que apareceram ao longo desses séculos e que pudessem apresentar idéias acerca do

pensamento espanhol. A proposta abarcava um amplo período histórico, porém o foco central recaía nos textos que indagavam aspectos relacionados com a identidade espanhola. Tive a oportunidade de oferecer essa disciplina apenas em dois momentos devido às alterações de horários e coincidências com a disciplina “Literatura Espanhola: Século XVII”.

Em função das alterações curriculares que o DLM realizou a partir da implantação da licenciatura em nossas habilitações, redistribuímos os conteúdos programáticos com um novo arranjo das disciplinas, o que acarretou alterações importantes no âmbito da literatura espanhola assim como nas demais disciplinas do Departamento. No caso específico, criei uma disciplina básica voltada para o século XVI – “FLM0617 – Literatura Espanhola – Século XVI” – que aborda não apenas a poesia de Garcilaso, de San Juan de la Cruz e o “Romancero”, mas um repertório textual que abrange as “histórias fingidas”, isto é, a novela sentimental, pastoril, mourisca e picaresca, o diálogo humanista, a poesia tradicional e formas dramáticas embrionárias que anunciam a consolidação de diferentes gêneros ao longo do século XVII. Além dos textos, são introduzidas noções sobre as preceptivas poéticas vigentes no século XVI. Em função da criação dessa disciplina, foi alterado o conteúdo da disciplina básica relativa ao século XVII (“FLM0621 – Literatura Espanhola – Século XVII”) quando é estudada a obra de Cervantes, Lope de Vega, Tirso de Molina, Francisco de Quevedo, Luis de Góngora e Calderón de la Barca, isto é, autores do chamado “século de ouro”.

É importante destacar que considero o estudo da obra de Cervantes, em particular do *Quixote*, algo fundamental num Curso de Letras e mais especificamente, para os que pretendem ter a Habilitação em Espanhol, seja com a perspectiva da formação de professor de ensino fundamental, médio ou superior, seja na formação de um pesquisador ou mesmo de um tradutor. Antes de qualquer questão profissional, trata-se de uma obra de valor humanista inigualável. O estudo dos textos do século de XVI, além do interesse próprio que cada um deles oferece, constitui também uma preparação para a leitura da grande obra de Cervantes de modo a possibilitar em alguma medida a reconstituição de um repertório de leitura próprio de um leitor dos séculos XVI e XVII ibéricos. Com esta dimensão textual, espera-se que os alunos da

Graduação possam avaliar com maior consistência o diálogo artístico implícito que Cervantes estabelece com diferentes formas discursivas vigentes.

A alteração curricular a que me referi viabilizou também a criação de disciplinas optativas eletivas como – “FLM0627 – Leituras Específicas da Literatura Espanhola” – que versa sobre a obra em prosa de Cervantes. Além dessas disciplinas, em muitos momentos também ministrei a disciplina “FLM0614 – Literatura Espanhola – Idade Média”, o que sem dúvida representa um grande interesse para quem se especializa nos séculos XVI e XVII.

Em 2012, estando na chefia do Departamento de Letras Modernas, consegui organizar novamente uma disciplina departamental que englobou as literaturas das áreas de alemão, italiano e espanhol (literaturas espanhola e hispano-americana) e desse modo um grupo de professores – Juliana Pasquarelli Perez, Helmut Galle, Doris Natia Cavallari, Laura Hosiasson e eu – retomamos “Por que ler os clássicos?”. No entanto, uma disciplina com este perfil exige que um dos docentes se encarregue da coordenação dos trabalhos e, devido às atividades administrativas sob minha responsabilidade junto ao DLM, não pude arcar novamente com esta atividade.

Gostaria ainda de mencionar que todos os professores do exterior que tive a oportunidade de convidar para atividades na Pós-Graduação, apresentaram palestras para os alunos da Graduação nos períodos diurno e noturno.

2) Pós-Graduação

O ingresso na Área de Pós-Graduação em Literaturas Espanhola e Hispano-Americana (naquele momento, 1994 o Programa não contava ainda com os estudos voltados para Língua Espanhola), marcou, sem dúvida, uma nova etapa de experiência acadêmica. A possibilidade de ministrar um curso sobre a pesquisa desenvolvida no doutoramento e, ao mesmo tempo, poder rever os passos trilhados e ajustar parâmetros de leitura da obra foram momentos importantes. Além do mais, fui percebendo um interesse crescente por parte dos alunos em torno da obra de Miguel de Cervantes, o que sem dúvida acabava resultando numa motivação recíproca entre alunos e professora.

Não posso deixar de mencionar que em termos de sala de aula sempre tive uma predileção pela Graduação. Talvez isso se explique pelo desafio que representa despertar nos alunos o interesse por textos tão distantes historicamente; também pela convicção de que aqueles textos, em especial a obra de Miguel de Cervantes, são os melhores que já pude ler em toda minha vida. Poder compartilhar com os alunos da Graduação desse prazer da leitura é de fato uma grande satisfação. Na Pós-Graduação, mais do que ministrar disciplinas, aprecio as reuniões do Grupo de Pesquisa nas quais podemos discutir com mais profundidade os textos e as orientações metodológicas, do que falarei mais adiante.

Assim que defendi o Doutorado (1994) credenciei uma disciplina na Pós-Graduação: “Cervantes e os fundamentos do romance” (FLM5889) e, no semestre seguinte, fui credenciada para orientar Mestrados.

Entre março de 1996 e fevereiro de 1997, fiquei encarregada da coordenação da Área de Pós-Graduação e, de março de 1997 a fevereiro de 1998, fiquei na suplência desta Coordenação. Naquele momento, os coordenadores concentravam todas as atividades administrativas relativas ao uso e à justificativa da verba que os Programas recebiam e desse modo, além das inúmeras horas dedicadas a questões burocráticas, talonários de cheques de diferentes bancos, compras de material para a Área e serviços gerais de contabilidade para os quais nunca tive nenhuma vocação, acabou sendo uma experiência útil para conhecer algo do funcionamento institucional e dos próprios cursos e disciplinas da Pós-Graduação.

Inicialmente apresento o elenco de disciplinas que ministrei na Pós-Graduação para mais adiante fazer um comentário sobre elas. As disciplinas foram as seguintes:

- Cervantes e os Fundamentos do Romance (FLM5889-1);
- Texto, Ideologia e História em Cervantes e Borges (FLM5887-3) – Prof Edwin Williamson (University of Edinburgh); a disciplina foi ministrada integralmente pelo professor visitante, embora estivesse sob minha responsabilidade;
- Teoria do Romance: *Don Quijote* de Cervantes (FLM5104-1) – Prof Edward C. Riley (University of Edinburgh); também nesse caso a disciplina foi ministrada

integralmente pelo professor visitante, embora estivesse sob minha responsabilidade;

- O *Dom Quixote* de Cervantes e sua recepção na cultura brasileira (FLM5173-1);
- Reescrituras Cervantinas (FLM5182-1);
- Cervantes e Lope de Vega: Poética, Retórica e Consolidação dos Gêneros Literários (FLM5267-1) – professores Maria Augusta da Costa Vieira, Melchora Romanos (Universidad de Buenos Aires) e Juan Diego Vila (Universidad de Buenos Aires); neste caso a disciplina foi dividida em três módulos, cabendo um módulo a cada um dos professores;
- Cervantes e Lope de Vega: Poética, Retórica e Consolidação dos Gêneros Literários (FLM5267-1) – professores Maria Augusta da Costa Vieira, Melchora Romanos (Universidad de Buenos Aires) e Juan Diego Vila (Universidad de Buenos Aires); neste caso a disciplina foi dividida em três módulos, cabendo um módulo a cada um dos professores;
- Cervantes: Poética, Decoro e Emblema (FLM5300-1) – professoras: Maria Augusta da Costa Vieira e Julia D’Onofrio (UBA); a professora visitante encarregou-se de ministrar quatro das doze aulas da disciplina;
- Estratégias Literárias e Práticas de Representação (FLM5352-1) – professoras Maria Augusta da Costa Vieira e María Luisa Lobato; a professora visitante se encarregou de ministrar quatro das doze aulas da disciplina;
- *Dom Quixote*: Retórica, Poética e Recepção (FLM5414-1) – professores José Manuel Lucía Megías e Maria Augusta da Costa Vieira; o professor visitante se encarregou de ministrar quatro das doze aulas da disciplina;
- A nova arte de novelar: *Novelas Ejemplares* de Miguel de Cervantes e a narrativa breve do século XVII espanhol (FLM5485-1) – professoras Maria Augusta da Costa Vieira e Rafael Bonilla Cerezo (Universidad de Córdoba, Espanha); o professor visitante se encarregou de ministrar quatro das doze aulas da disciplina;

3) Professores convidados e disciplinas compartilhadas

Sempre tive a preocupação de oferecer aos alunos de Pós-Graduação cursos sobre a obra de Cervantes e, quando possível, trazer especialistas de fora que pudessem ministrar disciplinas ou parte delas. A vinda de professores representava também a possibilidade de proporcionar aos alunos a apresentação e discussão de seus respectivos projetos com os professores visitantes.

Foi com essa perspectiva que, em 1996, apresentei à FAPESP um pedido de auxílio para a vinda do Prof. Edwin Williamson, da University of Edinburgh, que ofereceu uma disciplina sobre a obra de Cervantes e de Borges. Tratou-se de uma disciplina concentrada em dois meses de aulas, todas elas sob a responsabilidade do professor. Além disso, organizei palestras do mesmo professor para os alunos da Graduação.

Em 1998, com recursos da própria Área de Espanhol, tive a possibilidade de convidar o Prof. Edward C. Riley, Professor Emérito da University of Edinburgh, para ministrar uma disciplina de Pós-Graduação e proferir uma conferência para os alunos de Letras. Cabe destacar que o saudoso Ted Riley foi um dos cervantistas mais importantes do século XX, grande conhecedor das preceptivas dos séculos XVI e XVII e, sem dúvida, um leitor perspicaz, prudente e refinado da obra de Cervantes. Foi, sem dúvida, um privilégio ter podido contar com sua presença na USP, oferecendo aos alunos da Faculdade um curso de Pós-Graduação um de difusão cultural (este último em conjunto comigo), além de palestras para os alunos da Graduação, sempre sobre o *Quixote*. Tratava-se de pessoa muito acessível e de notável generosidade.

Em 2006, graças ao “Convênio de Centros Associados” entre Unicamp, USP e UBA (Universidad de Buenos Aires), subvencionado pela CAPES, foi possível oferecer uma disciplina de Pós-Graduação – “Cervantes e Lope de Vega: poética, retórica e consolidação dos gêneros literários” (FLM5267-1) – em conjunto com os professores Melchora Romanos, especialista em Lope de Vega, e Juan Diego Vila, especialista em Miguel de Cervantes. Dividimos a disciplina em três módulos cujo foco central foi o diálogo estabelecido entre formas discursivas nas obras de Cervantes e de Lope. Em primeiro lugar, foram analisados alguns tratados de civilidade que circulavam na

Península Ibérica e a representação de tais práticas nos textos literários cervantinos em conexão com princípios poéticos e retóricos. Em seguida, foram confrontadas as obras de Lope de Vega e de Cervantes a partir de questões teóricas relacionadas com a conceituação dos gêneros literários e, finalmente, foi examinado o *Quixote* a partir do diálogo entre as várias formas de composição narrativa.

Ainda em decorrência do mesmo Convênio, em 2008 pude oferecer conjuntamente com outra professora da UBA, Julia D'Onofrio, uma disciplina de Pós-Graduação “Cervantes: poética, decoro e emblema”. Nesse caso, eu me encarreguei de dois terços da disciplina e a professora visitante do restante das aulas. A disciplina teve a preocupação de analisar algumas das obras de Miguel de Cervantes com a perspectiva de deslindar a rede discursiva que se estabelece na composição de suas narrativas. Iniciou-se com a recepção da obra no Brasil, com o objetivo de mapear a forma e os critérios que estiveram presentes em sua leitura, marcada em particular por referências próprios dos séculos XIX e XX, para, em seguida, aprofundar-se em conceitos dos séculos XVI e XVII, com base na poética, nas diversas formas literárias, nos tratados de conduta e na emblemática.

Em 2010, graças à subvenção da Pró-Reitoria de Pós-Graduação ministrei uma disciplina em conjunto com a Profa Dra. María Luisa Lobato, docente da Universidad de Burgos, Espanha, seguindo o mesmo esquema de distribuição de aulas. A disciplina cujo título foi “Estratégias Literárias e Práticas de Representação” (FLM5352-1) teve a preocupação de analisar a obra de alguns autores espanhóis fundamentais do chamado “Século de Ouro”, englobando narrativas em prosa e obras dramáticas, tendo como referenciais as poéticas vigentes e os códigos de conduta que regulavam formas de atuação na sociedade de corte. Um dos objetivos primordiais foi o de evidenciar a relação entre as estratégias de composição pautadas por preceitos poéticos dos séculos XVI e XVII e a representação, seja na narrativa, seja no teatro dos diferentes estamentos sociais. Da mesma forma, eu me encarreguei de dois terços das aulas e a docente visitante de um terço.

Em 2012, seguindo o mesmo esquema, foi oferecida a disciplina “*Dom Quixote*: retórica, poética e recepção” (FLM5414-1), em conjunto com o Prof. José Manuel Lucía Megías, da Universidad Complutense de Madrid, graças ao apoio concedido pela

Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP. A disciplina teve o objetivo de examinar a obra de Miguel de Cervantes e sua recepção por meio de edições e ilustrações ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

No primeiro semestre de 2014 estou ministrando uma nova disciplina intitulada “A nova arte de novelar: *Novelas Exemplares* (1613) de Miguel de Cervantes e a narrativa breve do século XVII espanhol” (FLM5485-1), sob minha responsabilidade e do Prof Rafael Bonilla Cerezo, da Universidad de Córdoba, Espanha, seguindo o esquema de divisão de aulas acima mencionado. Ainda encontra-se em estudo o financiamento da vinda do professor visitante tendo em conta a crise financeira que no momento atravessa a Universidade de São Paulo. A disciplina propõe-se a analisar o gênero “novela” – ou a forma dos relatos breves iniciada, em língua espanhola, por Cervantes – tendo como objeto de investigação suas narrativas breves e de outros autores. O objetivo principal da disciplina é o estudo da “exemplaridade” nas novelas cervantinas como conceito moral, como modo de composição e como categoria genérica. Além disso, pretende-se também considerar os chamados epígonos de Cervantes e prosadores do século XVII espanhol.

Dentro do nosso Programa de Pós-Graduação, a linha de pesquisa na qual me incluo é “Formas e processos na literatura espanhola”. Os projetos aos quais estou vinculada são: “Reescritura cervantina: projeções de *Don Quijote* na literatura brasileira” (que trata do estudo da recepção da obra de Miguel de Cervantes no contexto brasileiro a partir de diferentes gêneros – prosa, poesia e drama –, estudos críticos e ensaios) e “Textos e intertextos espanhóis dos séculos XVI e XVII” que se concentra no estudo de textos em diferentes gêneros a partir de preceitos poéticos e retóricos vigentes nestes séculos.

- **Orientações:**

Praticamente todos os alunos que desenvolveram e que desenvolvem projetos de pesquisa sob minha orientação dedicaram-se à obra de Miguel de Cervantes, embora alguns tenham optado por outros autores espanhóis dos séculos XVI e XVII ou

mesmo por obras do período medieval. Como em geral ocorre, alguns alunos partiram de indagações predominantemente de ordem temática, outros preocuparam-se com questões baseadas nas preceptivas poéticas ou mesmo em aspectos relacionados com a fortuna crítica, e outros ainda se embrenharam no campo da literatura comparada em busca da recepção do *Quixote* na literatura e no contexto brasileiros.

1) Iniciação científica

Sempre atribuí importância fundamental à Iniciação Científica e também ao TGI – Trabalho de Graduação Individual – como etapas preparatórias para o ingresso na Pós-Graduação. A elaboração de um projeto e o desenvolvimento da pesquisa, por modesta que seja, ainda no âmbito da Graduação, já oferecem ao aluno a possibilidade de uma leitura mais aprofundada, um contato mais sistemático com estudos críticos e históricos, além de reuniões e colóquios periódicos com o orientador. A experiência de se defrontar com uma escrita argumentativa para a apresentação do relatório final ou monografia, sem dúvida, constitui um passo importante para o ingresso na Pós-Graduação.

Tendo conhecimento de que muitos alunos não têm a possibilidade de fazer a Iniciação Científica com bolsa por terem vínculo empregatício, tenho recorrido ao TGI como uma alternativa para a introdução à pesquisa. Cabe esclarecer que o TGI segue os mesmos passos da iniciação científica proposta pelo CNPq, Fapesp ou pela própria FFLCH. Na realidade, trata-se de uma disciplina de Graduação na qual o aluno tem contato sistemático com seu orientador e que oferece créditos para a integralização do Curso. Além da apresentação do relatório final, isto é, uma monografia, o TGI prevê também a composição de uma banca de avaliação constituída pelo orientador e por mais dois professores, de dentro ou de fora da USP. Por valorizar esse momento de introdução à pesquisa acadêmica, esforcei-me ao longo desses anos na orientação de trabalhos dessa natureza. Os trabalhos são os seguintes:

- Carolina de Pontes Rubira: “Articulações narrativas na segunda parte de *Dom Quixote*” (TGI)

- Thiago Ferreira de Andrade: “As festas como elemento estruturador da ação em *Peribáñez y el Comendador de Ocaña* e *Fuenteovejuna* de Lope de Vega (TGI)
- Janete Campos: “O cristianismo como base do pensamento místico e da criação poética de San Juan de la Cruz” (TGI)
- Edilson da Silva Cruz: “A outra lógica de Berceo: exemplum e tipologia em *Milagros de Nuestra Señora*” (TGI)
- Denise Frutuoso dos Santos Azanha: “*Dom Quixote* entre as novelas de cavalaria e outras formas discursivas” (TGI)
- Maria Cecília Barreto de Toledo: “A verossimilhança do episódio de *Dueña Dolorida*” (TGI)
- Lisi Sousa Mascarenhas Pimentel: “Estratégias da narração do *Quixote*: episódio do Caballero del Verde Gabán” (TGI)
- Valéria da Silva Moraes: “A comédia e o riso em *Dom Quixote de la Mancha*” (TGI)
- Adriana Carolina de Siqueira: “Sancho Pança: escudeiro ou pícaro?” (TGI)
- Silvia Massimini: “A recepção de *Dom Quixote* em Unamuno: *Niebla* e *Vida de don Quijote y Sancho*” (Fapesp)
- Marcelo Lopes Dourado: “A idealização amorosa em “El curioso impertinente” de Miguel de Cervantes” (Fapesp)
- Tatiana Albergaria Aranha Ricardo: “O cômico e o trágico na composição do *Quixote*: análise do episódio da Dulcinéia encantada” (Fapesp)
- Cristina Miranda Menezes: “História e ficção: a questão dos mouros, cristãos e judeus em *Retablo de las maravillas* de Miguel de Cervantes” (Fapesp)

2) Mestrado e Doutorado

Algo bastante incompatível com a elaboração de trabalhos de qualidade acadêmica na Pós-Graduação é a pressão por prazos reduzidos para a conclusão de

Mestrados e Doutorados, pautada por uma política de resultados com perspectiva quantitativa, privilegiada pela CAPES. Em alguns casos, torna-se uma missão quase quixotesca orientar trabalhos de Mestrado e Doutorado dentro dos prazos previstos, tendo em conta que o campo de pesquisa se concentra numa literatura estrangeira, produzida por autores clássicos, em tempos distantes, que contam com considerável fortuna crítica. Além dessas dificuldades, sendo os referenciais presentes nesses textos muito diversos dos atuais, espera-se também que o aluno proceda a deslocamentos sutis e complexos em seu próprio universo de referências, para poder integrar-se em alguma medida a um velho contexto histórico. Para enfrentar problemas desse tipo criei um Grupo de Pesquisa a ser relatado mais adiante de modo a possibilitar aos alunos da Pós-Graduação e também aos da Iniciação Científica e TGI, leituras sistemáticas e discussão de textos como uma forma complementar voltada para a formação na Pós-Graduação.

Orientei e oriento vários trabalhos de Mestrado e Doutorado e, na maior parte das vezes, eles se referem à obra de Cervantes. Embora eles estejam arrolados no Lattes, como no caso das Iniciações Científicas, considero importantes integrá-los nesta parte do Memorial. Até o momento, foram concluídos os seguintes Mestrados sob minha orientação:

- Giselle Cristina Gonçalves Migliari. *Dom Quixote: poesia e crítica: Estudo dos versos preliminares de Dom Quixote*. (2012)
- Valéria da Silva Moraes. *O cômico e o riso no Quixote*. (2012)
- Paula Renata de Araújo. *Cervantes e a nova arte de novelar em “Rinconete y Cortadillo”*.(2010)
Francisco Eduardo Padula. *A recepção da “Canção de Leonoreta” através dos tempos*. (2010)
- Silvia Cobelo. *Historiografia das traduções do Quixote publicadas no Brasil : provérbios de Sancho Pança*. (2009)

- Ana Aparecida Teixeira da Cruz. *Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma.* (2009)
- Vanessa Alves Maximo dos Santos. *Quixotização e Sanchificação: abordagens críticas acerca da relação entre Dom Quixote e Sancho Pança.* (2009)
- Marta Pérez Rodríguez. *Tras un siglo de recepción cervantina en Brasil: estudios críticos sobre el Quijote (1900 - 2000).* (2008)
- Valéria Tini. *A (in)discrição: aspectos do decoro em Dom Quixote de Miguel de Cervantes.* (2007).
- Rosa Maria Oliveira Justo. *Os moínhos de vento no Brasil: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das Crianças de Monteiro Lobato.* (2007)
- María Cristina Lagreca de Olio. *El tema del dinero en el Quijote.* 2006.
- Silvia Massimini. *"O casamento enganoso" e "O colóquio dos cães": tradução anotada e estudo preliminar de duas novelas exemplares cervantinas.* (2006)
- Maria Salete Toledo de Uzeda Moreira. *A construção do herói e as narrativas de aventura: Dom Quixote e Robinson Crusoe.* (2005).
- Denise Toledo Chammas Cassar. *Dom Quixote e Tirant lo Blanc: verossimilhança e comicidade.* (2005)
- Célia Navarro Flores. *Dois Quixotes brasileiros na tradição das interpretações do Quixote de Cervantes.* (2002)
- Sandra Regina Moreira. *A recriação do mito quixotesco na obra de Angelo Agostini.* (2001).
- Ana Regina Lessa. *O espetáculo em Dom Quixote: o Carro das Cortes da Morte, Mestre Pedro e a Cabeça Encantada.* (2000)
- Mariana Helene Barone. *Cervantes e Machado de Assis: análise comparativa temática entre "El Curioso Impertinente" e "A cartomante".* (2000)

- Rosemeire da Silva. *Ingenuidade e perspicácia: Sancho Pança no mundo cavaleiresco de Dom Quixote*. (2000)
- Heloísa Pezza Cintrão. *O romanesco no Quixote I: o conto do Capitão Cativo*. (1998)
- Rosângela Schardong. *A representação da mulher no Quixote: relatos femininos em primeira pessoa*. (1997)

Com relação aos doutoramentos, devo esclarecer que minha primeira aluna de Doutorado, Cristine Fickelscherer de Mattos, tinha inicialmente o projeto de analisar as possíveis vertentes quixotescas presentes em *Ariel* de José Enrique Rodó. No entanto, pouco tempo depois decidiu alterar seu tema de trabalho e concentrar sua pesquisa nas relações entre história e ficção presentes em *La novela de Perón* de Tomás Eloy Martínez. Diante disso, minha colega de Área, Profa Ana Cecilia Arias Olmos, aceitou o nosso convite e atuou como co-orientadora, presença fundamental para as questões relacionadas com a literatura e a história argentinas.

Foram os seguintes Doutorados que estiveram sob minha orientação:

- Marta Pérez Rodriguez. *Miguel de Cervantes y Aufran Dourado: diálogo crítico entre poéticas*. (2013)
- Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida. *Por trás do véu e da espada: o disfarce subjacente à representação das personagens cervantinas*. (2013)
- Rosangela Schardong. *Exemplo e desengano: defesa da mulher na obra de María de Zayas*. (2009)
- Claudio Bazzoni. *Os autos sacramentais de Calderón de la Barca e a retórica do Século de Ouro*. (2005)
- Cristine Fickelscherer de Mattos. *La novela de Perón de Tomás Eloy Martínez: literatura e história*. (2004)

3) Orientações em andamento

Atualmente, oriento doze trabalhos no total: dois de Iniciação Científica, sendo um em andamento e outro em processo de análise pela Comissão de Pesquisa da

FFLCH/USP; dois Mestrados; sete Doutorados e um Doutorado em regime de co-tutela com a Universidad de Málaga. São eles:

- Iniciação Científica com bolsa da FFLCH/USP:
 - María Cecilia Fernández Uhart: *A representação da personagem feminina: a pastora Marcela de Dom Quixote de Miguel de Cervantes*. Início: novembro de 2013.
- Iniciação Científica aguardando decisão da Comissão de Pesquisa:
 - Tatiani Meneghini da Silva: *Edições ilustradas de Dom Quixote e suas representações (Acervo Publio Dias – SIBI/USP)*
- Mestrados:
 - Maria Cecília Barreto de Toledo. Estratégias de construção da versossimilhança no episódio de Dona Dolorida - *Quixote II*. Início: 2012.
 - Vania Pilar. “El Coloquio de los Perros”: riso entre dois humores - o cômico e o satírico. Início: 2011.
- Doutorados:
 - Esther Karina Feria Zitelli. Reglas de adecuación de la tópica literaria en los géneros poéticos del siglo XVI. Início: 2012.
 - Mariana Barone Beauchamps. Humanismo cristão e a composição de personagens cervantinas. Início: 2011.
 - John Lionel O’Kuinghttons Rodríguez. Ideología y moralidade en los *Quixotes* de Cervantes, Avellaneda y Montalvo. Início: 2011.
 - Eleni Nogueira dos Santos. *Numancia*: Miguel de Cervantes e Rafael Alberti - estudo comparado de dois dramas trágicos. Início: 2011.
 - Paula Renata de Araujo. *Dom Quixote* e o leitor juvenil. Início: 2011.
 - Silvia Beatriz Cobelo. Adaptação/Tradução de *Dom Quixote* no Brasil. Início: 2009.

- Ana Aparecida Teixeira da Cruz. *A loucura no teatro de Lope de Vega e as práticas de representação nos séculos XVI e XVII*. Início: 2009.
- Doutorado em Regime de Co-Tutela UMA/USP:
 - Cristina Miranda Menezes: “Recreaciones poéticas del *Quijote* en lengua española y portuguesa” – Orientadora junto à Universidad de Málaga, Espanha: Profa Dra María Belén Molina Huete. Início: 2012 – Doutorado; Em 2013 foi firmada a co-tutela e então passei a ser a orientadora da USP.

4) Supervisão de Pós-Doutorado

Estou encarregada da supervisão de um Pós-Doutorado, em andamento, com início em 2014 – Pós-Doutorado que, por sua vez, muito me honra devido sobretudo à qualidade do projeto apresentado. Trata-se da professora de Literatura Espanhola, María Dolores Aybar-Ramírez, da Unesp de Araraquara, que desenvolve uma pesquisa interdisciplinar cujo título é: *A loucura de Juana I como motivo literário do Romantismo (França-Espanha)*. A Profa María Dolores submeteu seu projeto ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana para concorrer a uma bolsa de Pós-Doutorado oferecida pela Capes e foi selecionada em primeiro lugar.

- **Grupo de Pesquisa: "Cervantes: poética, retórica e formas discursivas na Espanha dos séculos XVI e XVII"**

Como já referido, a experiência na Pós-Graduação foi me mostrando que as disciplinas cursadas pelos alunos, assim como as eventuais sessões de orientação nem sempre eram suficientes para a compressão de determinados conceitos relacionados com os séculos XVI e XVII, bastante distantes da teoria literária contemporânea. Era difícil, muitas vezes, entender o que seria uma “leitura anacrônica”, tendo em conta sobretudo o fato de que o *Quixote*, especificamente, toca nas fibras sensíveis do leitor moderno e compreendê-lo a partir de outros referências corresponderia a um *tour de*

force que poria em questão a própria sensibilidade que brota da leitura. Por outro lado, muitas vezes a formação teórica dos alunos é deficiente, mesmo tendo em conta um repertório teórico mínimo relativo ao século XX. O que não seria o enfrentamento com preceptivas retóricas e poéticas do XVI e XVII?

Em geral, os alunos do Departamento de Letras Modernas desconhecem o mundo clássico, a não ser por intermédio de uma disciplina introdutória que consta do Ciclo Básico (primeiro ano) da Graduação do Curso de Letras. Além do mais, sua relação com a teoria literária muitas vezes limita-se às disciplinas oferecidas pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada que, até onde tenho conhecimento, não enfocam as retóricas e poéticas próprias dos séculos XVI e XVII. Diante destes problemas, considere que seria importante propor aos alunos da Pós-Graduação e também aos de Iniciação Científica e TGI reuniões mensais, sempre aos sábados à tarde, único dia e horário disponível para todos, como forma de tentar superar algumas carências presentes na formação universitária. Os textos discutidos variam bastante entre os seguintes campos de interesse: preceptivas poéticas e retóricas e estudos críticos sobre autores dos séculos XVI e XVII. Em alguns momentos foram também propostas as discussões sobre textos literários, em outros, sobre trabalhos de Mestrado e Doutorado de algum dos membros do grupo, às vésperas da defesa.

Considero que os encontros que se realizam desde 2002 têm colaborado para o exercício de um pensamento crítico e reconhecimento que há um crescimento importante do grupo nesse sentido. Entendo também que um trabalho intelectual necessita de um tempo de amadurecimento e concentração e nem sempre os prazos estipulados correspondem aos percursos individuais, fazendo com que em alguns momentos o aluno tenha que acelerar a conclusão de uma dissertação de Mestrado ou tese de Doutorado.

Para evitar a apresentação de trabalhos desse tipo, em três momentos tive que tomar medidas radicais, pedindo para que três alunas – duas do Mestrado e uma do Doutorado – solicitassem seus respectivos desligamentos. Decisão difícil para elas e também para mim. Felizmente, duas delas entenderam que essa era a melhor opção diante dos trabalhos que até aquele momento tinham conseguido produzir e das três, duas ingressaram novamente na Pós-Graduação e levaram suas pesquisas adiante. Para

o nosso Programa de Pós-Graduação frente à avaliação da CAPES, medidas desse tipo contam desfavoravelmente, uma vez que há um prejuízo quanto ao número de mestres e doutores formados dentro de um determinado prazo, no entanto, por outro lado, espera-se que critérios desse tipo sejam revistos e que se valorize sobretudo a qualidade dos trabalhos apresentados.

- **Participação em bancas**

Desde que foi instituída a possibilidade de os alunos de Letras matricularem-se no TGI, na primeira década deste século, participei de seis bancas de avaliação da monografia. Na Pós-Graduação participei de sessenta e três bancas de Qualificação, sendo quarenta e seis de Mestrado e dezessete de Doutorado. Compus ainda quarenta e quatro bancas de Mestrado, dezenove de Doutorado e uma de Livre-Docência. A leitura dos trabalhos acadêmicos e a possibilidade de participar de bancas, em geral, acabam sendo momentos especiais dentro da vida acadêmica.

Estive também em treze bancas de Concurso Público para provimento de cargo de professor em diversas instituições, dentre as quais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Universidade Federal Fluminense, na Universidade Estadual Paulista, na Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Goiás, na Universidade Federal de Santa Catarina, além da Universidade de São Paulo. A listagem completa das bancas encontra-se no Lattes.

- **Avaliação dos Cursos de Letras**

Considero uma atividade de extensão as várias avaliações que fiz dos Cursos de Letras espalhados pelo país, organizadas pelo Ministério da Educação. Em 1997 fui indicada para integrar a equipe de professores avaliadores dos Cursos de Letras, participei de um treinamento realizado em São Paulo e, a partir daí, visitei várias

Instituições de Ensino Superior. No início fui convocada para avaliar, sobretudo, Instituições Federais o que me serviu muito para ter o mapa de como se estruturavam alguns cursos de Letras no Brasil. Encarava essa atividade como algo bastante saudável que, apesar do trabalho intenso e concentrado em poucos dias e da preocupação constante em ter clareza de critérios na análise dos cursos, fui percebendo que a prática desse tipo de avaliação me servia também para avaliar o próprio curso de Letras da USP, sempre um tanto encastelado. Tive momentos marcantes e enriquecedores de diálogo com coordenadores de cursos, com o conjunto de professores e alunos e, sobretudo, com alguns colegas que também integravam as equipes de avaliação.

No governo de Fernando Henrique Cardoso, e sobretudo no segundo mandato do então Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, o crescimento das faculdades particulares foi vertiginoso e as avaliações passaram a ter principalmente o objetivo de autorizar, credenciar ou reconhecer novos cursos. Era preocupante ver a forma como as faculdades foram se espalhando com a prerrogativa legal de poderem criar cursos de Letras, Bacharelado e Licenciatura, na maior parte das vezes com dupla Habilitação (português/espanhol ou português/inglês) em três anos apenas, momento em que a USP havia ampliado para cinco anos o tempo de integralização dos créditos quando se tratava de dupla habilitação. A essa altura já não era o caso de por os olhos em outras deficiências e sim de apelar para que os cursos funcionassem em quatro anos no mínimo. Com o crescimento do número das particulares e a pressão dos donos das Instituições (muitas vezes políticos ou ex-políticos), a equipe de avaliadores passou a ser composta também por docentes de instituições privadas, o que em alguns momentos dificultou o ajuste quanto aos critérios a serem adotados uma vez que o relatório a ser encaminhado deveria ser assinado pelo conjunto dos avaliadores.

Diante disso fui me afastando da prática de avaliações. A última avaliação que fiz foi numa instituição particular no sul do Mato Grosso do Sul cujo dono era um jovem deputado ambicioso, dono de um restaurante, de academia de musculação, de um pesqueiro e de grandes plantações de soja espalhadas pelo estado e evidentemente não demonstrava, por mínimo que fosse, qualquer vestígio de interesse na educação e na formação de professores.

- **Atividades administrativas**

Ao longo desses trinta e sete anos foram raros os momentos em que não me ocupei de atividades administrativas e de representação junto ao Conselho Departamental de Letras Modernas e junto à Congregação da FFLCH, além da participação em comissões do Departamento e da Faculdade e da Coordenação da disciplina e da Área de Espanhol na Graduação e Pós-Graduação. Representei durante seis anos – 2000 a 2006- os cinco programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras Modernas na Comissão de Pós-Graduação da FFLCH. Atualmente represento a categoria dos Professores Associados na Congregação, no Departamento de Letras Modernas e faço parte da CCP – Comissão Coordenadora de Programa – do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Presido também, por prazo determinado, um Grupo de Trabalho criado por meio de uma Portaria do atual Diretor da FFLCH, Prof. Dr. Sergio Adorno, com a finalidade de formular uma política de recursos humanos para a Unidade. De todas as atividades administrativas, sem dúvida, a mais marcante foi a da chefia do Departamento de Letras Modernas durante o período de quatro anos no total, isto é, de 2009 a 2011 e de 2011 a 2013. Apesar de não reconhecer em mim mesma nenhuma vocação administrativa, devo mencionar que atuei na chefia do Departamento com grande prazer advindo, sobretudo, da possibilidade (ou da ilusão dela – nunca se sabe ao certo) de criar melhores condições de trabalho e de estudo para alunos, funcionários e docentes do Curso de Letras.

1) Chefia do Departamento de Letras Modernas

No primeiro semestre de 2009, quando deveria ocorrer a eleição para a nova chefia do DLM, fui consultada por alguns colegas acerca de minha possível candidatura. Como já mencionei, não me considero a pessoa melhor talhada para lidar com assuntos administrativos, mas por outro lado entendo que em algum momento da nossa carreira temos que nos ocupar da parte administrativa do Departamento, da

mesma forma que outros se ocuparam ao longo de muitos anos para que cada um dos docentes pudesse levar adiante suas atividades de docência e pesquisa.

Trata-se de um departamento bastante grande, que na época contava com noventa e dois docentes, sendo setenta e quatro deles docentes na ativa, catorze aposentados que continuavam atuando na Pós-Graduação e quatro professoras leitoras, duas da Itália e duas da Alemanha.

Como se sabe, o DLM subdivide-se em cinco Áreas – Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Italiano – e o lugar de convergência das diferentes Áreas é o Conselho Departamental que se reúne mensalmente e que conta com a participação dos representantes de categorias, dos coordenadores de Área na Graduação e Pós-Graduação, dos representantes do DLM junto às Comissões Estatutárias da FFLCH e de todos os demais docentes que tenham interesse em participar, além da representação discente. Cabe mencionar que além de presidir as reuniões do Conselho Departamental, o chefe do departamento participa também das reuniões mensais da Congregação e do CTA – Conselho Técnico Administrativo, além das reuniões periódicas da CILE – Comissão Interdepartamental de Letras.

Uma questão que teve grande ênfase durante o período em que estive na chefia do Departamento foi a Graduação, considerada a partir de vários aspectos. Repensar a Graduação era uma preocupação sempre presente nas reuniões do Conselho Departamental, no entanto nesse momento passou a ser também um ponto importante para a Direção da FFLCH, representada então pela Profa Dra Sandra Nitrini.

O relatório apresentado pela Comissão Externa de Avaliação da FFLCH, realizada em março de 2010, foi de grande importância para as discussões ocorridas no âmbito da Congregação da Faculdade e, em particular, no âmbito departamental. A visita *in loco* da Comissão resultou num relatório criterioso sobre a FFLCH e a partir dele iniciamos um ciclo de debates entre docentes e alunos. O relatório reconheceu os méritos da Faculdade, no entanto, não deixou de apontar problemas que foram amplamente debatidos no âmbito das reuniões do Conselho Departamental.

2) Algumas iniciativas da chefia

Durante as duas gestões na chefia do DLM, empenhei-me junto com a vice chefe – Laura Izarra, na primeira gestão, e Lucia Wataghin, na segunda – na realização de duas atividades que a meu ver merecem destaque: a discussão sobre assuntos acadêmicos em todas as reuniões do Conselho Departamental e a organização de reuniões plenárias de alunos e professores nas quais foram discutidas questões de importância e de interesse para a Graduação.

Nos “assuntos acadêmicos” abordamos vários temas vinculados com a Graduação, em particular o da flexibilização dos currículos das variadas Áreas Didáticas do Departamento, proporcionando aos docentes a reflexão e o conhecimento relativo ao trabalho desenvolvido em cada uma das Áreas.

Com relação às reuniões plenárias, a primeira delas teve como objeto de discussão o relatório elaborado pela Comissão Externa de Avaliação da FFLCH, resultando em propostas interessantes para as nossas Habilitações e para a nossa convivência. Destaco três pontos que a meu ver foram importantes: a necessidade de uma flexibilização curricular das Áreas (processo praticamente finalizado), a implantação da ênfase em Tradução como opção para os alunos de Letras Modernas (o projeto encontra-se em análise) e a pintura interna do prédio de Letras.

Organizamos também uma reunião plenária a partir de uma mesa-redonda realizada no segundo semestre de 2012 quando foi debatida com os alunos e docentes a questão da “autoria nos trabalhos acadêmicos” com a participação dos Profs Deusa Maria de Souza Pinheiro Passos (DLM) e Jaime Guinzburg (DLCV). Também foram convidados os professores do Instituto de Psicologia, Yves de la Taille, que apresentou uma palestra sobre “Ética e contemporaneidade: cultura do tédio” e Maria Isabel da Silva Leme, que tratou do “Papel da Educação na Resolução de Conflitos”. Também foi convidada a Profa Elizabeth Balbachevsky, do Departamento de Ciência Política, da FFLCH, que apresentou uma palestra sobre a Universidade no século XX, para os professores do DLM.

Outra iniciativa da chefia do DLM que a meu ver merece destaque foi a organização e o oferecimento para o primeiro semestre de 2012 da disciplina

departamental – “Por que ler os clássicos?” à qual já me referi em outro momento deste memorial.

3) Presidência da CILE - Comissão Interdepartamental de Letras

Durante o ano de 2010, na condição de presidente da CILE, fiquei encarregada de uma série de assuntos relacionados com o Curso de Letras, desde a pintura do prédio (o que gerou uma infinidade de reuniões), até questões vinculadas com os Laboratórios, distribuição de salas de aulas, reuniões com a Comissão de Qualidade de Vida e Segurança, entre outras. Finalmente, graças ao empenho da Profa Dra Sandra Nitrini, que respondia pela direção da FFLCH, de vários funcionários da FFLCH, da Comissão de Qualidade de Vida e da CILE, o prédio foi pintado no início de 2012. Desse modo, além da necessidade que todos sentíamos de uma pintura e de vários reparos no edifício, atendíamos também a um dos pontos criticados pela Comissão Externa de Avaliação que em seu relatório observou as condições precárias e decadentes em que se encontrava o nosso espaço físico.

- **Participação em diretorias de associações: Asociación Internacional de Hispanistas e Asociación de Cervantistas**

Estou filiada a algumas associações nacionais e internacionais e não posso deixar de mencionar que elas foram fundamentais para o desenvolvimento de minhas pesquisas. Em 1990 filiei-me à Asociación de Cervantistas e em 1991, à Asociación Internacional de Hispanistas.

No ano de 2001, durante a realização do XIV Congresso, em Nova York, tive a honra de ter sido indicada por colegas para concorrer como conselheira nas eleições do Conselho Consultivo da diretoria da Asociación Internacional de Hispanistas. Fui eleita para o período de 2001 a 2004 e, no triênio seguinte, durante a realização do XV Congresso, em Monterrey, México, fui reeleita para o período de 2004 a 2007. Pela primeira vez na história do AIH fazia parte de sua diretoria uma docente e pesquisadora brasileira.

Em 2009, durante a realização do VII Congresso da Asociación de Cervantistas, em Münster, Alemanha, fui proposta pela diretoria da associação para concorrer como conselheira nas eleições da nova diretoria e fui eleita para o triênio 2009-2012. Em 2012, durante a realização do VIII Congresso, na cidade de Oviedo, Espanha, fui reconduzida para o triênio 2012-2015.

- **Participação em congressos e reuniões científicas**

Devo dizer que participei de muitos congressos e reuniões científicas, alguns deles no Brasil, e a maior parte no exterior. Os congressos tiveram participação essencial em minha formação como estudiosa da obra de Miguel de Cervantes. Como já mencionei, não havia no âmbito brasileiro especialistas nos estudos cervantinos e desse modo eu via a necessidade de buscar interlocutores fora do país.

Sempre privilegiei em primeiro lugar os Congressos da Asociación de Cervantistas, em segundo lugar, os da Asociación Internacional de Hispanistas e, por motivos diferentes, os da Associação Brasileira de Hispanistas. Quando foi possível, estive também em Congressos da Asociación Internacional Siglo de Oro, e em reuniões cervantinas organizadas ocasionalmente em diversos lugares do mundo, como foi o colóquio organizado em 2004 em Seul. Participei também de alguns congressos da ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Devo sublinhar que minha participação em grande número de congressos e reuniões científicas deveu-se ao apoio recebido das agências de fomento: tanto da Fapesp, como da Capes e do CNPq. A partir do momento em que passei a contar com a Bolsa de Pesquisa do CNPq nível 1, e conseqüentemente receber a taxa de bancada, meus deslocamentos têm sido financiados com esta verba. Cabe mencionar ainda que em vários momentos, quando ainda não dispunha da taxa de bancada do CNPq, candidatei-me com sucesso à bolsa concedida pela Asociación Internacional de Hispanistas para participar de seus congressos.

Sem a menor dúvida, ao longo desses trinta e sete anos foi fundamental em minha formação intelectual a participação em congressos e reuniões científicas, tema sobre o qual voltarei mais adiante.

Devo esclarecer que minha participação em eventos dessa natureza limita-se aos que se referem especificamente ao campo das pesquisas que desenvolvo. Embora considere importante participar de outras reuniões nas quais esteja em debate o mundo das Letras em geral, não encontro tempo suficiente para harmonizar a elaboração de trabalhos para a apresentação com as demais atividades relacionadas à vida acadêmica. Nos últimos cinco anos participei dos seguintes eventos e apresentações:

No Brasil:

- *IV Seminário de Letras e Artes e II Simpósio de Música Ibero-Americana*. “A literatura cervantina: Aproximação à leitura de *Dom Quixote*”. 2013. (Seminário), Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, Amazonas.
- *Ciclo de Palestras: Romance de Formação: caminhos e descaminhos do herói. “Dom Quixote”*. Biblioteca Mario de Andrade. 2013.
- *VII Congresso Brasileiro de Hispanistas*. “Conversação e Composição de Relatos Breves no *Quixote* II”. 2012.
- *Simpósio Internacional de História Pública*. “Quanto de História há na Literatura Histórica?” DH/FFLCH, 2012.
- *VII Congresso Brasileiro de Hispanistas*. Forum de Pesquisadores – “As pesquisas sobre Literatura Espanhola no contexto brasileiro”, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- *III Jornada do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana*. “Panorama da pesquisa em Pós-Graduação sobre os estudos hispânicos no Brasil”, USP, 2012.
- *Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca*. Coordenação de Mesa-Redonda e apresentação do conferencista Prof. José Manuel Lucía Megías, da Universidad Complutense de Madrid, na inauguração do evento, USP, 2011.

- *XIV Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol*. “Diálogos Literários Brasil - Mundo Hispânico”, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- *I Colóquio Internacional do Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2011.
- *História Ibérica I - A formação dos impérios marítimos ibéricos (séculos XV e XVII) A escrita da história nas obras de Miguel de Cervantes*, Palestra para os alunos da Profa Iris Kantor, Departamento de História/ FFLCH, 2011.
- *II Jornada do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana/ FFFLCH/USP*. Literatura Espanhola: Estudos Cervantinos e a Polêmica em torno a *Amadis de Gaula*. 2011.
- *IV Seminário de Literatura Brasileira - diálogos com a tradição: permanência e transformações*. “O mito de dom Quixote no Brasil e algumas reescrituras”. 2010. (Seminário). Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais.
- *VI Congresso Brasileiro da Associação de Hispanistas*. “Ser y estar de Dulcinea: sociedad de corte y retórica en el *Quijote*”. Universidade do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.
- *V Semana de Filologia na USP*. Vozes do Século de Ouro. 2010.
- *Seminário Internacional: Cultura Quixotesca: Educação e Transformação Social. Dom Quixote em cena: Teatro e justiça social* em São Paulo. 2009.
- *II Semana de Cultura Hispânica*. “O *Quixote* e o diálogo com as formas discursivas”. 2009. UNESP/Araraquara

No exterior:

- *Las Novelas Ejemplares: Texto y Contexto (1613-2013)*. “Sucesos y desgracias del *Licenciado Vidriera*”, 2013. Colégio de México, México DF.
- *XIV International Seminar on Indo-Portuguese History. India and the Contemporary Lusophone World*. “Between India and Brazil: Cecília Meireles’ Prose and Poetry”, 2013.

- *VIII Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. “Conversaciones de don Quijote”. Universidad de Oviedo, Oviedo, Espanha, 2012.
- *V Jornadas Cervantinas Internacionales - Azul*. “Andanzas de *Don Quijote* en tierras brasileñas”. 2012.
- *XXIII Coloquio Cervantino Internacional*. “Ética y estética en la prosa cervantina no quijotesca”. Guanajuato, México, 2012.
- *Simposio Internacional Violencia y Fatalismo en la Literatura Áurea: La Jácara*. “Tratamiento de tipos y situaciones del hampa en la producción cervantina”. Universidad de Burgos, Burgos, Espanha, 2012.
- *II Coloquio Internacional de Sanchistas*. “Letras y letrados: poetas y estudiantes en el *Quijote* II”, Universidad Autónoma de México, Ciudad de México, 2011.
- *XVII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. “Sátira y prosa cervantina”. Sapienza Università di Roma, Italia, 2010.
- *I Congreso Ibero-Asiático de Hispanistas Siglo de Oro e Hispanismo en general*. “La discreción de Cipión”. University of Delhi, Índia, 2010.
- *I Coloquio Internacional de Sanchistas*. “Civilidad y relaciones de poder en el *Quijote*”. Universidad de Costa Rica, San José, 2009.
- *La Cultura del Barroco Español e Iberoamericano y su contexto Europeo*. “El *Quijote* en Brasil entre los siglos XIX y XX”. Uniwersytet Warszawski (Universidade de Varsovia), Polonia, 2009.
- *VII Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. “Sociedad de corte y discurso quijotesco”. Universität Münster (Universidade de Münster), Alemanha, 2009.

- **Conferências, palestras, entrevista e curadoria**

Com o passar dos anos, fui sendo progressivamente convidada a proferir palestras e conferências para públicos diversos, no âmbito nacional e internacional. Os dados sobre as conferências constam do Currículo Lattes. No momento, trato apenas de mencionar algumas delas que atingiram um público mais amplo e diversificado.

Talvez seja necessário fazer um breve esclarecimento acerca deste critério adotado. Considero que minha atividade de pesquisa tem ao menos dois campos de atuação a meu ver igualmente importantes: um deles é o diálogo com especialistas na área dos estudos cervantinos que ocorre principalmente no âmbito internacional; o outro, o diálogo com o leitor brasileiro (jovem ou adulto, mais ou menos instruído no campo das Letras) interessado sobretudo nas figuras de dom Quixote e Sancho.

Com certa frequência recebo mensagens de pessoas que me pedem informações sobre a obra, edições, traduções, ou simplesmente compartilham suas impressões de leitura. Menciono apenas um fragmento de uma mensagem que acabo de receber de uma pessoa que não conheço e apenas por cuidado preservo seu nome e e-mail:

Enviada em: sexta-feira, 25 de abril de 2014 20:44

Para: mavieira@usp.br

Assunto: Sobre Dom Quixote

Cara professora Maria Augusta, boa noite,

Comecei a leitura do romance O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha, na segunda-feira, 21/04, mas já estou me divertindo muito, embora às vezes tenha certo dó de Dom Quixote, pois o narrador é extremamente crítico e não lhe tem o mínimo de complacência.

O capítulo VII me chamou muito a atenção, pois a sobrinha, a ama, o lavrador e o licenciado (padre) Nicolás, preocupados com a (in) sanidade mental de Dom Quixote, entram num dos aposentos de sua casa, onde se encontram todos os seus livros, em sua maioria novelas de cavalaria.

Uma coisa me deixou muito intrigada: sabe-se que Cervantes tinha verdadeira aversão aos livros de cavalaria e escreveu o Quixote com a finalidade de parodiá-las, com base nessa informação seria possível afirmar que o padre Nicolás é uma espécie de alter-ego do autor? Por que ele ordenou que os livros de cavalaria fossem deitados fora ou

lançados ao fogo e livrou os de poesia de semelhantes destinos, levando-os consigo. Os livros de autoria dos poetas amigos de Cervantes escaparam da fogueira?...

Será que a loucura de Quixote se deve mesmo às novelas de cavalaria em si ou ao modo como ele as lê e interpreta? Sim, porque a recepção de uma obra depende do leitor (sua idade, grau de instrução, bagagem cultural, (i) maturidade, meio social e de outros fatores individuais). [...]

Muito obrigada pela atenção,

Mensagens como esta revelam um grande interesse pela obra além do desejo de se aprofundar em determinados aspectos do texto. Receber uma mensagem desse tipo reforça para mim o sentido que fui dando ao longo dos anos às minhas atividades de professora e pesquisadora.

Foi com satisfação que pude fazer apresentações a respeito da obra cervantina para alunos de escolas públicas e particulares de Ensinos Fundamental e Médio como foi o caso da Escola de Aplicação da USP, da Escola da Vila e da Escola MóBILE. Nesta última, onde estive mais recentemente, os alunos haviam lido alguns fragmentos da obra além de uma adaptação e julguei que poderia ser de interesse apresentar algumas edições como um fac-símile da primeira edição do *Quixote* e outro do manuscrito da “*Comedia Llamada Trato de Argel*”. O contato com estes objetos/livros provocou reações surpreendentes naqueles alunos de doze anos porque, sobretudo a partir do manuscrito, eles foram indagando acerca das condições de vida e de escritura que enfrentava um escritor naqueles tempos, além das várias questões que me foram feitas relacionadas sobretudo à convivência entre cavaleiro e escudeiro.

Foram também interessantes as apresentações que pude fazer em outros lugares como na Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro em 2005 e também, em dezembro de 2013, na Fundação Casa de Ruy Barbosa. Destaco ainda a conferência que apresentei em 2013 no ciclo de palestras organizado pela Biblioteca Mario de Andrade, intitulado “Caminhos e descaminhos do herói no romance de formação” sob a curadoria de Marcus Vinícius Mazzari e Murilo Marcondes de Moura. O tema, como não poderia deixar de ser, era o *Quixote* e foi uma satisfação poder apresentar numa manhã de um sábado ensolarado algo da arte cervantina para um público tão interessado e ao mesmo tempo bastante diversificado que me fez perguntas tão

sugestivas e inquietadoras como por exemplo: os desafios que enfrenta o professor para apresentar a seus alunos uma leitura histórica da obra, desvencilhada, na medida do possível, das interpretações românticas; como se posicionar frente às inúmeras adaptações?

No exterior, destaco as duas oportunidades em que fui convidada para participar como conferencista do *Coloquio Cervantino Internacional*, organizado pelo Museo Iconográfico del Quijote e pela Universidad de Guanajuato, entre outras instituições, na cidade de Guanajuato, México, declarada pela Unesco como a “Ciudad Cervantina de América”. Também destaco o convite que me foi feito pela organização da *V Jornadas Cervantinas Internacionales* para proferir a conferência de abertura na cidade de Azul, Argentina, local em que se criou uma relação muito especial com a obra de Miguel de Cervantes e que também foi declarada como Ciudad Cervantina pela Unesco/Castilla-La Mancha.

Menciono ainda a entrevista que foi gravada em 2013, na TV Cultura/Univesp sobre Cervantes e o *Quixote* que permanece disponível na internet (http://www.youtube.com/watch?v=fBBr257F_6o). A entrevista faz parte de um projeto intitulado “Literatura Fundamental” que realiza uma entrevista com duração de trinta minutos com um professor especialista sobre uma determinada obra e autor. O objetivo do projeto é divulgar grandes obras da literatura tornando-as mais acessíveis para o grande público, bem como despertar a motivação para a leitura. Por meio dos registros que aparecem no vídeo a entrevista já foi vista por milhares de pessoas e com frequência recebo mensagens por e-mail ou postadas no próprio site indagando sobre escolha de edições, bibliografia, comentários sobre a obra, além de comentários sobre o próprio programa.

Em 2013, a Universidade de São Paulo recebeu a doação da Coleção Publio Dias, que reúne um acervo importante de edições ilustradas do *Quixote*, publicadas em diversos idiomas. Foi organizada uma exposição de parte dessa coleção pelo SIBI – Sistema Integrado de Bibliotecas – de cuja curadoria fui encarregada, selecionando obras, redigindo textos, entrevistando os filhos do colecionador para uma filmagem que se integrou à exposição e concedendo uma entrevista sobre a obra cervantina e o *Quixote* para a TV USP e para a Globo News.

Muitas vezes a apresentação de uma palestra ou conferência acaba resultando numa experiência mais interessante do que se poderia supor, sobretudo quando o tema é o *Quixote*. Isto porque, em certa medida, essa obra pertence a todos e a cada um de seus leitores espalhados pelo mundo, como se as andanças de dom Quixote e Sancho ultrapassassem as fronteiras espanholas e percorressem os caminhos das mais variadas culturas, significando um espaço de convergência de distintos contextos.

Apesar disso, às vezes também o que se diz a propósito da obra pode desencadear algum choque cultural como o que me aconteceu certa vez na Universidad de Barcelona. A conferência era sobre Cervantes e Machado de Assis, dirigida a alunos de Letras que estudavam Português. Sem me dar conta, fiz comentários que feriram as idéias nacionalistas catalãs de um aluno que, depois de encerrada a conferência aproximou-se e com delicadeza tratou de me esclarecer que havia um equívoco na minha fala. Eu havia iniciado a apresentação remetendo-me às idéias de Gilberto Freyre acerca de uma certa comunidade ibero-americana para, em seguida, tratar de aproximar e ao mesmo tempo diferenciar as obras dos dois autores. No entanto, para o aluno, meu ponto de partida era falho: afinal, se nem sequer existia Espanha, como seria possível pensar em Ibero-América?

- **Organização do “Simpósio Cervantes: Dom Quixote 400 anos”**

2005 foi o ano da comemoração dos quatrocentos anos da publicação da primeira parte do *Quixote*. Entrei em contato com o Instituto Cervantes que se dispôs a colaborar no que fosse possível para a organização de um evento. Considerei que seria interessante organizar um simpósio que oferecesse mais espaço para discussões, com um número mais reduzido de participantes. Nesse momento eu já contava com um número razoável de alunos que haviam realizado suas pesquisas e assim organizamos uma reunião da qual participaram professores do exterior, docentes da USP e alunos da Pós-Graduação.

O Instituto Cervantes se dispôs a arcar com gastos de passagem e estadia de alguns cervantistas de diferentes países (Itália, Espanha, Portugal, Bélgica, Estados

Unidos, México e Uruguai) e a FFLCH/USP colaborou com a impressão dos programas, folders do evento, uma passagem aérea e outros gastos. A realização do Simpósio somente foi possível graças à participação intensa de Silvia Massimini, Mariana Barone Beauchamps e Marta Pérez Rodrigues, alunas da Pós-Graduação, e de duas funcionárias do Instituto Cervantes, na sua organização. O Simpósio contou com a apresentação de trabalhos relacionados com a recepção do *Quixote* nas diversas literaturas estrangeiras por meio da participação de colegas dos departamentos de Letras Modernas, Letras Orientais e Letras Clássicas e Vernáculas, com estudos sobre a obra cervantina por pesquisadores estrangeiros e com a exposição de projetos de pesquisa dos alunos da Pós-Graduação. Os alunos que apresentaram seus trabalhos eram todos do DLM, do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana. A conferência de abertura esteve a cargo da Profa Caterina Ruta, da Università di Palermo, Itália, e a conferência de encerramento foi proferida pelo Prof. João Adolfo Hansen, da Universidade de São Paulo.

- **Organização do *Simposio Hispano-Brasileño de Jóvenes Hispanistas del Siglo de Oro***

A vinda da Profa María Luisa Lobato, da Universidad de Burgos, em 2010, para ministrar quatro aulas em uma disciplina de Pós-Graduação, acabou desencadeando o projeto da realização de um simpósio, contando com a participação de especialistas e alunos de Doutorado do Brasil e do exterior. Nos dias 11 e 12 de julho de 2013 realizamos o *Simposio Hispano-Brasileño de Jóvenes Hispanistas del Siglo de Oro* nas dependências da Cátedra Jaime Cortesão, no Edifício da História e Geografia, FFLCH/USP.

O evento foi organizado por dois grupos de pesquisa: o *Grupo Cervantes: poética, retórica e formas discursivas na Espanha dos séculos XVI e XVII* do Programa de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da FFLCH/USP e o *Grupo Proteo*, da Universidad de Burgos, Espanha, que reúne especialistas em teatro e cultura

do Século de Ouro espanhol e que desenvolvem atividades em diversas universidades européias, americanas e canadenses.

O objetivo principal do evento foi o de oferecer um espaço para a apresentação de trabalhos com foco nas perspectivas metodológicas adotadas para a abordagem de textos literários dos séculos XVI e XVII. Com essa orientação o evento contou com a apresentação de trabalhos de alunos de Doutorado e recém-doutores (12 bolsistas no total) e, ao mesmo tempo, com a apresentação por parte de professores convidados (6 no total), de suas atuais pesquisas. O Simpósio teve um excelente resultado uma vez que houve discussão dos diversos trabalhos apresentados e ao mesmo tempo ofereceu um panorama das pesquisas em andamento nessa área do conhecimento, possibilitando o intercâmbio e a convivência entre alunos e professores.

As bolsas oferecidas aos alunos ficaram a cargo do *Grupo Proteo* e as diárias dos professores visitantes foram financiadas pela Comissão de Pesquisa e pela Comissão de Pós-Graduação, ambas da FFLCH/USP. Com relação aos alunos participantes, quatro eram do nosso Programa, um da Universidad Autónoma de Barcelona, um da Universidade Federal de Santa Catarina, um da Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”; um da Duke University, um do instituto Tecnológico de Monterrey, um da Universidad de Salamanca, um da Universidad Autónoma de México, um da Western University Ontário e um da Universidade Federal de Goiás. Quanto aos professores visitantes, um da França, um do Chile, dois da Espanha, um dos Estados Unidos/Espanha, um do Canadá.

No final do evento foi realizada uma mesa-redonda com os professores e nesse momento cada um expôs o andamento das pesquisas voltadas para os séculos XVI e XVII em suas respectivas instituições, contando também com a participação de diversos alunos que se manifestaram a respeito. O evento foi muito bem avaliado por todos os participantes. Tiveram atuação fundamental na organização do Simpósio Denise Toledo Chammas Cassar, Maria Cecília Barreto de Toledo e Mariana Barone Beauchamps, todas do Grupo Cervantes.

- **Organização do *IX Congreso de la Asociación de Cervantistas***

Na assembléia da associação, durante a realização do VIII Congresso em Oviedo, Espanha, fiz a proposta para que o próximo Congresso fosse realizado na Universidade de São Paulo, em 2015, ano em que se comemora os quatrocentos anos da publicação da segunda parte do *Quixote*. A proposta foi acatada por unanimidade pela assembléia. Desse modo, como disseram alguns, finalmente realizaremos em certa medida o sonho que teve Cervantes de vir à América. Será a primeira vez que o congresso da Asociación de Cervantistas terá sua sede fora do território europeu.

- **Participação em Grupo de Pesquisa Internacional**

Independentemente de todo e qualquer vínculo com as referidas associações, desde 2005, vem se constituindo um grupo internacional de pesquisadores em torno da obra de Miguel de Cervantes. O embrião desse grupo surgiu em São Paulo durante o *Simpósio Cervantes: Dom Quixote 400 anos*, em setembro desse mesmo ano, ao qual já me referi. Como mencionado, o objetivo central era o de propiciar a discussão mais aprofundada com especialistas a partir dos projetos de pesquisa desenvolvidos pelos alunos da Pós-Graduação. Dada a natureza do evento, o grupo de participantes foi relativamente reduzido e, em conversas informais com os colegas vindos do exterior, pude constatar que todos valorizavam esse tipo de reunião, em detrimento dos grandes congressos quando efetivamente pouco se discute. A partir desse encontro em São Paulo, alguns membros do grupo tiveram a iniciativa de programar um novo encontro sob a forma de um colóquio, que se realizou em 2009, na Universidad de Costa Rica, em San José, sob o título “*I Coloquio de Sanchistas: Los espacios de la sociabilidad en el Quijote*”.

O que se pretendeu nessa primeira reunião foi consolidar o grupo, apresentar nossos trabalhos na Universidad de Costa Rica no campus de San José e também em um de seus campi do interior, publicar um livro com os trabalhos apresentados e, sobretudo, assegurar para nossos eventuais futuros encontros o tempo necessário para

a discussão dos trabalhos. Minha colaboração no livro publicado em 2011 – *Los espacios de la sociabilidad en el Quijote* – edição de Jorge Chen, deu-se com o artigo intitulado “Sociedad de corte, civilidad y retórica en el Quijote”.

Em junho de 2011 os doze membros reuniram-se novamente, desta vez na UNAM – Universidad Autónoma de México, na Cidade do México, e em seguida apresentamos os mesmos trabalhos numa Unidade de Extensão que a UNAM tem em Taxco. O colóquio intitulado “*II Coloquio Internacional de Sanchistas: Los personajes segundones del Quijote*” foi extremamente frutífero e o resultado foi a publicação de um livro em 2013 pela editora da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Nacional Autónoma de México, editado por María Stoopen. O trabalho que apresentei teve como título: “Letras y letrados: poetas y estudiantes en el *Quijote II*”.

Em 2011, após a realização do Colóquio, o grupo estudou a possibilidade de oficializar suas atividades como um grupo de pesquisa internacional que seria sediado na UNAM e que constituiria uma rede internacional de pesquisadores, reunindo especialistas procedentes dos Estados Unidos, México, Costa Rica, Martinica, Brasil, França, Portugal e Espanha. No entanto, o grupo que se autodenomina “Los Sanchistas”, isto é, revela grande simpatia pelas proezas de Sancho Pança, não é nada afeito à burocracia e aos compromissos que se estabelecem por intermédio de papéis oficiais e estratégias acadêmicas voltadas para a tão citada “internacionalização” e, tendo em conta este perfil, constatou-se que as exigências que nos eram feitas para a sua institucionalização não coincidiam com os nossos interesses. Desse modo, abandonamos definitivamente tal ideia

A reunião seguinte ocorreu em julho de 2013, na cidade de Málaga, Espanha, com o apoio da Universidad de Málaga e do Dickinson College (USA), além do Museu Picasso e do Museu Carmen Thyssen, ambos de Málaga, entre outras instituições. Para o ano em que se comemorava o quarto centenário da publicação das *Novelas Ejemplares*, cada um dos membros do grupo se encarregou de preparar um trabalho sobre uma das novelas, incluindo também as intercaladas presentes no *Quijote*. O grupo sofreu uma ligeira ampliação, o suficiente para que cada um de seus membros tivesse um texto sob sua responsabilidade e assim realizamos o *III Coloquio Internacional de Sanchistas: Cervantes*

novelador: las novelas ejemplares y otros textos. O título do trabalho que apresentei foi “Violencia y discreción en *La fuerza de la sangre*”, que em breve será publicado.

- **CNPQ: Bolsa Produtividade em Pesquisa 1 D**

Se foi possível alguma projeção de minhas pesquisas no exterior reconheço que devo muito ao CNPq que, desde 1995, me concedeu a bolsa “Produtividade em Pesquisa”. Sem dúvida, a necessidade de preparar relatórios a cada período de concessão da bolsa foi extremamente útil na organização e desenvolvimento de minhas atividades como pesquisadora.

O projeto apresentado inicialmente versava sobre a recepção da obra de Cervantes no Brasil e, pela manifestação que recebi dos pareceristas, dei-me conta de que este era um tema mais importante do que eu havia suposto e que merecia grande atenção. Como se sabe, apesar de o *Quixote* ser pouco lido no Brasil, a obra é tida como conhecida por muitos. Conhecida no sentido de as duas personagens, dom Quixote e Sancho, assim como a famosa cena dos moinhos de vento, poderem ser reconhecidas mesmo por aqueles que nunca leram a obra. Tendo em conta que no Mestrado e no Doutorado eu havia me dedicado ao estudo da obra em si, naquele momento tinha o interesse em buscar o modo como a obra havia sido recebida no Brasil.

Iniciei a pesquisa pela adaptação – se é possível considerá-la assim – de Monteiro Lobato para o público infanto-juvenil: o *Dom Quixote das crianças*. Tendo em conta que a maior parte dos leitores brasileiros se familiarizou com as andanças do cavaleiro por intermédio da obra de Monteiro Lobato, pareceu-me importante iniciar por esta porta de entrada, com o objetivo de avaliar o modo pelo qual se apresentava a narrativa para aquele que provavelmente seria o futuro leitor do *Quixote*, comparando alguns aspectos da adaptação com o texto original. A preocupação recaía principalmente no projeto educacional de formação do leitor, presente no texto de Lobato. Devo esclarecer que sempre tive desconforto com relação às adaptações por acreditar que elas podem gerar em alguns a ilusão de conhecer a obra, quando, de fato,

o que têm em mãos, na maior parte das vezes, é uma outra obra. No pior dos casos, adaptações mal feitas, ainda por cima, ressaltam apenas estereótipos anedóticos.

Além deste aspecto de caráter mais pragmático com respeito à difusão do *Quixote* no Brasil, sentia a necessidade de encontrar algum parâmetro que possibilitasse a abordagem de obras da literatura brasileira que estabeleciam vínculos com a obra de Cervantes e ao mesmo tempo diferenciavam-se dela. O parâmetro encontrado baseou-se em dois eixos que logo foram traduzidos por duas metáforas: as *armas* e as *letras*.

O eixo das *armas* supunha então um vínculo baseado nas relações entre literatura e história, isto é, partia especialmente do herói que, munido de veleidades quixotescas, queria transformar o mundo. Por outro lado, o eixo das *letras* supunha um vínculo de caráter estético que se traduz especialmente pelas relações entre narrador e leitor. No primeiro caso, concentrei-me na análise de *Fogo morto* de José Lins do Rêgo; no segundo, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis.

As etapas seguintes do projeto foram se ampliando no campo da recepção, incluindo a crítica, ensaios sobre as relações entre Brasil e Ibero-América, a história da formação do grupo *Quixote* de poesia em Porto Alegre e algumas representações teatrais que sempre retomam a história do cavaleiro. A partir do estudo da recepção, tracei um certo mapa que incluiu Gilberto Freyre, Almeida Garrett, Machado de Assis, Lima Barreto, José Lins do Rego, Olavo Bilac, Angelo Agostini, Bastos Tigre, Viana Moog, Josué Montello, Brito Broca, entre outros, que, em alguma medida, estabeleceram relações com a obra de Cervantes. Com o tempo fui percebendo que este tema, que me parecia de interesse puramente doméstico, suscitava também interesse fora do Brasil e, em função de alguns trabalhos que havia publicado nessa linha, recebi vários convites, sobretudo do exterior, para intervenções acerca da recepção do *Quixote* no Brasil em colóquios e simpósios organizados por ocasião do IV centenário da publicação da primeira parte. Em razão disso estive na Colômbia, Uruguai, Argentina, México e Alemanha.

Apesar de atribuir importância ao estudo da história da recepção da obra no âmbito brasileiro e das configurações que o cavaleiro vai assumindo por meio de diversas linguagens, com o tempo fui me interessando por outro viés dos estudos cervantinos que me conduziram para o estudo dos códigos de conduta, ou tratados de

civilidade, vigentes nos séculos XVI e XVII na Espanha. Tudo começou a partir da leitura que fiz de um substancial artigo de João Adolfo Hansen sobre “O Discreto”, publicado em 1966, em *Libertinos e libertários*. Em 2002, no momento da solicitação da renovação da bolsa, encaminhei um projeto ao CNPq sobre a *discrição* presente na construção narrativa e na configuração de personagens em algumas das *Novelas Exemplares* e, a partir daí, fui me aprofundando nesta linha de pesquisa.

Preciso esclarecer que desde que iniciei a pesquisa vinculada à bolsa do CNPq, isto é, a partir de 1995 até 2002, os trabalhos que tive a oportunidade de apresentar nos congressos da Asociación de Cervantistas e da Asociación Internacional de Hispanistas, versaram sobre diversos aspectos da recepção do *Quixote* no Brasil. Somente em 2003, quando participei do “V Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas” realizado em Lisboa, foi quando pela primeira vez que me enfrentei com um texto cervantino, por ele mesmo, diante de um público especializado. Tratando de esclarecer melhor esta ideia, seria importante dizer que nos trabalhos que pude apresentar acerca da recepção do *Quixote* no Brasil, boa parte do público desconhecia as obras brasileiras às quais eu me referia, o que em certa medida, dificultava maiores indagações sobre a análise desenvolvida. Neste momento, contudo, por ocasião do “V Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas”, decidi embrenhar-me de uma vez por todas de modo mais decisivo nos estudos cervantinos.

O trabalho que elaborei versava sobre a novela do “Curioso impertinente”, intercalada na primeira parte do *Quixote*. O trabalho foi muito bem recebido pelos colegas, o que me deu uma confirmação para seguir adiante com o estudo das representações do “homem discreto” como um ideal da sociedade de corte, tão fundamental no universo narrativo do autor do *Quixote*, seja na configuração de personagens, seja na organização narrativa. Por outro lado, as modalidades da *discrição* e sua contrapartida, a *vulgaridade*, eram pouco estudadas na obra de Cervantes. Tive a oportunidade de conversar sobre esse enfoque que vinha dando às minhas pesquisas com Aurora Egido, Agustín Redondo e, mais tarde, com Jean Canavaggio que apreciavam a leitura que eu fazia dos textos de Cervantes a partir dos códigos de conduta e que confirmaram a sua pertinência e importância.

Logo após o congresso de Lisboa, tive a oportunidade de passar uma semana pesquisando na Biblioteca do GRISO – Grupo de Investigación Siglo de Oro – da Universidad de Navarra, em Pamplona. Foram cinco dias de trabalho bastante intenso, contando com excelentes condições de pesquisa numa biblioteca com um acervo especializado, o que ampliou consideravelmente minha bibliografia sobre os códigos de conduta dos séculos XVI e XVII.

Considero que o *discreto* e suas derivações que ensejam conteúdos próprios da filosofia moral ainda farão parte de muitas das minhas leituras e pesquisas sobre a obra de Miguel de Cervantes. No triênio seguinte da bolsa do CNPq, isto é, para o período de 2009 a 2012, o título do projeto foi “Cervantes e a sátira nos séculos XVI e XVII” que tratou de seguir a vertente da sátira menipeia a partir da obra de Luciano de Samosata e Apuleyo. As obras cervantinas selecionadas para o desenvolvimento do projeto foram “Coloquio de los perros” e o *Dom Quixote*. O “Coloquio” – novela que fecha a coleção das *Novelas Exemplares* (1613). O que se pretendeu foi analisar nessas duas obras o viés satírico, levando em conta a crítica implícita aos vícios, a presença da imaginação e ao mesmo tempo o respeito aos preceitos neoaristotélicos da verossimilhança. Essa pesquisa rendeu publicações de trabalhos e participações em eventos científicos, como é possível constatar no Lattes.

No período atual da bolsa, cuja vigência é de 2012 a 2016, o projeto tem o seguinte título: “Poética e retórica na narrativa de Miguel de Cervantes”. Em linhas gerais, o projeto tem a preocupação central de examinar a obra de Cervantes a partir das estratégias de composição, tendo em conta os pressupostos poéticos e retóricos vigentes no mundo ibérico e as convenções que organizam a vida social e as práticas de representação nos séculos XVI e XVII. Com essa perspectiva, pretendo deter-me em unidades menores do texto, buscando nexos sutis entre episódios, diálogos textuais estabelecidos com diferentes formas discursivas vigentes no século XVI e soluções compositivas encontradas em determinadas situações narrativas em que a opção técnica resulta numa solução poética, estabelecendo um jogo implícito com as preceptivas retóricas e com os processos de imitação.

Gostaria apenas de sublinhar algo fundamental: embora tenha aprendido muito sobre Cervantes com colegas e amigos cervantistas dos mais diversos lugares do

mundo por meio de congressos e publicações, os trabalhos de João Adolfo Hansen, sobretudo os relacionados com as práticas de representação e com textos dos séculos XVI e XVII, além das conversas que pude ter com ele ao longo desses anos foram fundamentais para que eu pudesse pensar a obra de Cervantes desde outros pontos de vista.

Para concluir este item, gostaria de mencionar que meus trabalhos ganharam em qualidade a partir do momento em que por intermédio da bolsa de pesquisa do CNPq passei a receber a “taxa de bancada”, o que me permitiu adquirir livros muitas vezes imprescindíveis para os projetos. Considero que se houve algum crescimento no meu trabalho nos últimos tempos, ele se deve em grande parte a esta facilidade de importação de títulos, na maior parte das vezes inexistentes em nossas bibliotecas.

- **Publicações**

Durante um certo período de minha vida acadêmica as publicações estiveram bastante vinculadas aos trabalhos apresentados em congressos e reuniões científicas e sendo assim elas aparecem em *Atas e Anais*. Com o tempo, fui sendo progressivamente convidada a preparar capítulos para a publicação de livros que, em alguns casos, como os livros publicados pelo grupo dos “Sanchistas”, era o resultado de um conjunto de trabalhos previamente apresentados e discutidos em um determinado evento. Outros capítulos de livros foram trabalhos encomendados por organizadores de determinadas edições.

Considerando as publicações mais recentes, destaco alguns artigos:

- “Cervantes, Machado de Assis y Luciano: antiguos y modernos” preparado para o livro *Cervantes en la Modernidad*, organizado por dois cervantistas, Alberto Rodriguez, da Dickinson University (EUA) e José Angel Ascunce-Arrieta, da Universidad de Deusto (Espanha), publicado em 2008 pela Editora Reichenberger, (Kassel, Alemanha), na coleção “Cervantes y su mundo”;

- “*El Casamiento Engañoso* como representación de un modelo de vida”: partiu de um convite de Carmen Hsu, da University of North Carolina at Chapel Hill (USA) que organizou o volume intitulado *Cervantes y su tiempo*, também publicado pela Editora Reichenberger, (Kassel, Alemanha), em 2010;
- “Racionalidade cervantina e loucura quixotesca”, um artigo que nasceu de um convite para apresentação de um trabalho no *Colóquio Sonho e Razão no Mundo Ibérico*, organizado pelo Núcleo de Estudos Ibéricos da UNIFESP, publicado na revista *Tempo Brasileiro* em 2008.
- “Diálogo Textual: El *Quijote* y la obra de Machado de Assis”: trabalho apresentado no Simpósio *El Quijote en América*, organizado pelo Instituto Ibero-Americano, em Berlim, e publicado no livro *El Quijote en América*, organizado por Friedhelm Schmidt-Welle e Ingrid Simson, pela Editora Rodopi, Amsterdam / New York, em 2010.
- “Ética y poética en la prosa cervantina no quijotesca”, publicado em *Cervantes novelista: antes y después del Quijote*, organizado por Onofre Sánchez Menchero, editado pelo Museo Iconográfico del Quijote, Fundación Cervantina de México e Universidad de Guanajuato, em Guanajuato, México, em 2013.

No prelo, destacaria ao menos dois trabalhos:

- “Tratamiento de tipos y situaciones del hampa en la producción cervantina”, apresentado no *Simposio Internacional Violencia y Fatalismo en la Literatura Áurea: La jácara*, a ser publicado sob a organização de María Luisa Lobato, pela Editorial Visor, Madrid;
- “Sucesos y desgracias del Licenciado Vidriera” apresentado no “Coloquio Internacional: Las *Novelas Ejemplares*: texto y contexto (1613-2013)”, organizado por Aurelio González Pérez y Nieves Rodríguez Valle, em 2013, a ser publicado pelo Colegio de México, México.

No momento, preparo dois artigos que me foram solicitados. Um deles fará parte de um livro que tem a publicação prevista para 2015 cujo título provisório é – *Cervantistas del Siglo XX* – a ser editado pela Editorial Reichenberger (Alemanha), com o

apoio da Universidade de Deusto (Espanha) e do Dickinson College (USA), como integrante da coleção “Cervantes y su mundo”. O livro contará com vinte capítulos, sendo cada um deles focado no trabalho crítico desenvolvido por um estudioso de relevância sobre a obra de Miguel de Cervantes. Os organizadores do livro são José Ángel Ascunce Arrieta (Espanha) e Alberto Rodríguez (USA) que me solicitaram a preparação de um capítulo sobre os estudos críticos de Edward C. Riley. Também fui convidada a preparar um trabalho sobre a teatralização da narrativa cervantina para um livro em homenagem à Profa Dra Urszula Aszyk da Universidade de Varsóvia, grande estudiosa do teatro espanhol, em decorrência de sua aposentadoria. A publicação é organizada pela Profa Dra Karolina Kumor da Universidade de Varsóvia.

Cabe esclarecer que embora as publicações resultantes das participações em congressos e reuniões científicas não sejam tão “rentáveis” do ponto de vista da Capes – refiro-me às *Atas* e *Anais* –, a participação em eventos dessa natureza sempre foi algo de grande importância para o meu trabalho de pesquisa, como já mencionei em outros momentos deste memorial. No caso de alguns trabalhos que apresentei no exterior e que foram publicados em edições muito restritas, como o que apresentei no “Simpósio Internacional Cervantes 97”, realizado na Nanjing University, China, optei por ampliá-lo e publicá-lo na *Revista Língua e Literatura* (FFLCH/USP). A listagem completa das publicações encontra-se no Currículo Lattes. Além de capítulos de livros, artigos em *Atas* e *Anais* e publicação em periódicos, também preparei, quando me foi solicitado, textos para publicação em jornais de grande circulação, especialmente quando se tratava de alguma efeméride ou mesmo de alguma resenha, como foi o caso recente da resenha publicada na *Folha de São Paulo*: “Caco Galhardo lança 2º volume de seu *Quixote*”, em dezembro de 2013.

1) Parecerista *ad hoc* e participação em conselhos editoriais

Quanto às atividades de Extensão, no que diz respeito a pareceres a Agências de Fomento, infelizmente não fiz ao longo dos tempos os devidos registros no meu currículo Lattes dos pareceres emitidos, tendo em conta a solicitação das agências de fomento quanto ao sigilo dos pareceristas. Elaborei muitos pareceres para CAPES,

FAPESP e sobretudo para o CNPq. Também elaborei vários pareceres para periódicos que tampouco foram lançados no Currículo Lattes.

Durante os seis anos em que fui representante do Departamento de Letras Modernas junto à Comissão de Pós-Graduação da FFLCH emiti também pareceres e, embora não os tenha lançado no Lattes, a partir de um determinado momento decidi arquivá-los. Nesse período, emiti 189 pareceres relativos à Pós-Graduação da FFLCH (nenhum deles lançado no Lattes).

Quanto ao CNPq, foram trinta e três pareceres desde a implantação da Plataforma Carlos Chagas, que informa os pareceres emitidos pelo bolsista. Quanto aos pareceres para a CAPES e FAPESP lamentavelmente não disponho dos registros.

Além das Agências de Fomento e da FFLCH, emiti pareceres sobre publicações em periódicos para o *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, a *Revista Fragmentos* (UFSC), a *Revista Gragoatá*, a *Revista TradTerm* e a *Revista Letras* (UFSM). Faço parte do Conselho Consultivo ou Comitê Científico de alguns periódicos que aparecem elencados no Currículo Lattes: *Anuário Brasileño de Estudios Hispánicos*, *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, *Lumen et Virtus*. Fiz parte como correspondente oficial do *Anuario Bibliográfico Cervantino*, dirigido pelo Prof. Eduardo Urbina (subvencionado pela A&M University, USA, e pelo Centro de Estudios Cervantinos, de Alcalá de Henares, Espanha) no tempo em que as informações bibliográficas não eram tão acessíveis. O *Anuário* tinha o objetivo de divulgar em forma impressa, entre os cervantistas, as publicações realizadas nos mais diversos países. O último número foi publicado em 2000. Fiz parte do Conselho Editorial da *Revista Fragmentos* da UFSC e, em 2007, fui convidada a fazer parte do Conselho Editorial da *Revista Letra* da UFRJ.

Gostaria de destacar minha participação no Conselho Editorial da *Revista Caracol* que é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Participei da concepção e montagem desta revista junto com quatro colegas da Área: Laura Hosiasson, Adriana Kanzevolsky, Heloísa Pezza Cintrão e Fátima Cabral Bruno. Toda a concepção da revista foi detalhadamente discutida por nós e em novembro de 2010 saiu seu primeiro número. Devido ao acúmulo de atividades administrativas – nessa época eu respondia

pela chefia do Departamento de Letras Modernas – deixei de participar da Comissão Editorial a partir do terceiro volume.

2) Organização do volume 6 da *Revista Caracol*

Como já mencionado, 2013 foi o ano do quarto centenário da publicação das *Novelas Exemplares* e, com a anuência dos meus colegas encarregados da edição da revista, organizei um volume especial dedicado integralmente à obra cervantina. Por se tratar de um volume com essas características, a publicação seguiu um percurso diferente das demais edições. Os artigos foram solicitados aos diferentes autores, e foi dado a eles a liberdade de escolha quanto a temas, modos de abordagem dos textos e a própria seleção da(das) novela(s) a ser(em) tratada(s). Por um feliz acaso, todas as novelas da coleção cervantina foram contempladas nos dez artigos que acabaram constituindo um conjunto harmonioso e relevante, com recortes metodológicos e temáticos diversos acerca da arte narrativa de Cervantes. Dos dez artigos reunidos, quatro deles são do México, um do Uruguai, um da França, um da Costa Rica, um dos Estados Unidos e dois deles são de ex-alunas de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Além dos artigos, na segunda parte desta publicação há uma entrevista com Florencio Sevilla Arroyo que, em 2012, lançou o segundo tomo, correspondente às *Novelas Ejemplares*, da edição crítica das *Obras completas* de Miguel de Cervantes, publicada pelo Museo Iconográfico del Quijote, em Guanajuato, México. Na entrevista, Florencio Sevilla comenta aspectos relacionados à especificidade dessa nova edição das *Novelas*, de seu trabalho de editor da obra cervantina e da questão da exemplaridade das novelas. Finalmente, para fechar o volume, contamos com a colaboração de um poema de Moacir Amâncio cujo título é “etymology” que, de forma bem humorada, joga com a sonoridade e com a etimologia em torno de “quixote”.

3) Livros

Tive a oportunidade de publicar em 1998 meu primeiro livro, *O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote* pela EDUSP/FAPESP. Trata-se de um trabalho voltado para o público brasileiro, nem sempre tão familiarizado com os tempos de Cervantes e com

a crítica cervantina. O livro é fruto do Mestrado, do Doutorado e de reflexões posteriores que em certa medida complementaram o que eu julgava ainda inacabado na defesa do Doutorado. Relendo hoje, com o distanciamento de quinze anos, não posso deixar de fazer críticas a algumas das perspectivas ali adotadas, ainda que acredite que o trabalho intelectual só se faz possível graças ao processo constante de crítica e autocrítica. Observo que nesta primeira publicação em forma de livro ainda apresento algumas oscilações entre uma leitura de viés mais romântico e outra de viés mais realista, como se convencionou designar na crítica cervantina.

O segundo livro veio em razão das comemorações do IV centenário da publicação do *Quixote*. Organizei uma publicação que reúne artigos de vários cervantistas, provenientes de diferentes países (Espanha, Itália, Inglaterra, México, França, Israel, Estados Unidos, Japão, Alemanha, Argentina, Portugal e Brasil). A idéia era oferecer ao público brasileiro ensaios sobre o *Quixote* com o objetivo de propiciar uma leitura mais aprofundada da obra por meio de novas abordagens, além de, na melhor das hipóteses, estimular novos estudos sobre a obra de Cervantes. O livro foi publicado pela EDUSP em 2006, com o título *Dom Quixote: a letra e os caminhos*. O livro traz dezenove artigos, sendo que alguns deles se concentram no exame de aspectos estruturais tais como composição, gênero, personagens, episódios, diálogos, preceitos retóricos e poéticos; outros preocupam-se com a análise da função de certas tópicas, entre as quais se contam memória, leitura e festas burlescas; e, finalmente, alguns investigam as projeções do *Quixote* na literatura portuguesa, argentina e brasileira. Foi motivo de grande satisfação receber a notícia em 2007 de que a obra ficou entre as dez finalistas do Prêmio Jabuti daquele ano na categoria Teoria e Crítica Literária.

O terceiro livro foi publicado em 2012 pela EDUSP em co-edição com a FAPESP, sob o título *A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes: estudos cervantinos e recepção do Quixote no Brasil*. O volume corresponde ao trabalho apresentado para a Livre-Docência, acrescida de um excelente prefácio de João Adolfo Hansen. Foi feita uma revisão completa dos capítulos, sendo que um deles foi eliminado e substituído por outro – “O ser e o estar de Dulcinéia” –, redigido em 2009, um ano após a realização do concurso.

Na realidade, o trabalho divide-se em duas partes: a primeira delas diz respeito à recepção do *Quixote* no Brasil, abrangendo a crítica literária e a literatura em sua diversidade de manifestações, enquanto a segunda trata especificamente dos estudos cervantinos. Na primeira parte o critério não foi quantitativo (no sentido de inventariar e contemplar a multiplicidade de alusões, citações e recriações acerca do cavaleiro) e sim qualitativo com a preocupação de sistematizar por meio de uma seleção de reescrituras – entendidas aqui num sentido amplo – o que poderia representar a recepção do *Quixote* no contexto brasileiro. A segunda parte, por outro lado, concentrou-se essencialmente na obra de Cervantes, tendo em conta os referenciais poéticos vigentes nos séculos XVI e XVII, com a preocupação de oferecer algumas perspectivas de leitura, entre elas a dos tratados de civilidade e a das práticas de representação próprias da sociedade de corte. Entre o que se considera primeira e segunda parte, situa-se um estudo que inclui a narrativa de Machado de Assis e as possíveis conexões com a obra do escritor espanhol, permeada por princípios poéticos que remetem aos textos de Luciano de Samósata. O livro recebeu o Prêmio Jabuti de 2013, na categoria Teoria e Crítica Literária.

Escrevi também um livro, a pedido da Editora Globo, para uma coleção que vinha sendo editada regularmente. O título já era previsto pela própria coleção – *Por que ler Cervantes* – e os capítulos seguiam um esquema pré-determinado: Um retrato do artista, Cronologia, Ensaio de leitura, Entre aspas e Estante. O objetivo era atingir um público maior interessado em determinadas obras de autores clássicos e desse modo o que se esperava era um texto fluente e ao mesmo tempo rigoroso do ponto de vista da abordagem literária e histórica. Entreguei os manuscritos em março de 2011. Infelizmente, quando concluí o trabalho dentro dos prazos previstos pela própria editora, o editor encarregado já havia sido substituído e até onde posso entender, o projeto da coleção deixou de existir.

- **Conversa em um ônibus em Havana**

Em 1989 estive em Havana para um congresso, momento em que a ilha já enfrentava sérios problemas. Eram os últimos anos das subvenções da União Soviética e já era possível ver as marcas das dificuldades que a população enfrentava em função também do bloqueio imposto pelos Estados Unidos.

Certo dia tomei um ônibus, bastante precário em seu estado de conservação, no centro da cidade. Um senhor que estava ao meu lado, de aparência muito simples como se fosse um camponês em meio à jornada de trabalho, iniciou uma conversa como costumam fazer os cubanos, em geral muito comunicativos. Queria saber de onde eu era, no que trabalhava e o que fazia em Cuba. Quando mencionei que dava aulas de literatura espanhola, o senhor ficou ainda mais interessado, querendo saber quais autores me agradavam mais. A partir daí, a conversa se dirigiu para os velhos tempos, recaindo na *Celestina*, em Gonzalo de Berceo, no *Libro de Buen Amor*, em San Juan de la Cruz, e outros mais. Aquele senhor fazia comentários sobre cada obra e me contava quais eram suas preferências, o que mais o impactava em cada texto. Aqueles trinta minutos, aproximadamente, naquele ônibus ruidoso e desconfortável, tinham valido minha ida a Cuba. Ao menos eu sabia que em algum lugar do mundo, mesmo aqueles que tinham dificuldades e lutavam bravamente pela sobrevivência, podiam ter contato com as coisas mais transcendentais da vida e podiam ter acesso aos livros e à cultura. É por esta democratização do saber que eu sempre me empenhei, desde quando assumi minha primeira turma de adultos analfabetos no Grupo Escolar Experimental da Lapa nos idos de 1967: uma opção pelas escolas e universidades públicas.

Parte II: A letra e os caminhos

Li o *Quixote* pela primeira vez em 1975, último ano da Faculdade, e fiquei impactada tanto pela trajetória do cavaleiro e sua força semântica – sobretudo no que diz respeito às poucas fortunas e às muitas adversidades por que passa – quanto por sua armação narrativa tão surpreendente – o narrador, o ponto de vista, a história dentro da história. Tratava-se de uma obra que suscitava indagações acerca de seu próprio modo de contar e um aspecto em particular me chamava a atenção: os sucessivos desdobramentos do narrador, como se desse modo fossem desvelados seus próprios mecanismos de produção textual quando, na verdade, eram artifícios a serviço da verossimilhança.

Naquele ano eu concluía o curso de Graduação. Havia me concentrado até então particularmente no estudo das literaturas espanhola, hispano-americana e brasileira, com ênfase especial no estudo dos séculos XIX e XX. No caso da literatura latino-americana, em particular, havia um grande interesse pelos autores do século XX que naquele momento eram considerados como os grandes narradores contemporâneos: Borges, Cortázar, Onetti, Guimarães Rosa, García Márquez, Rulfo, Carlos Fuentes, entre outros. Eram tempos em que se tinha a idéia de que o eixo literário do mundo havia se deslocado para a América Latina. Em contrapartida, em outras instâncias da vida social, vivíamos a tensão entre a crescente organização dos

movimentos de esquerda e a violência repressiva dos governos militares que, em cadeia, se disseminavam pelo continente.

Era tempo também em que as tendências estruturalistas orientavam boa parte dos estudos literários e haviam seduzido alguns professores que encontravam na análise da organização estrutural dos textos um antídoto para as leituras impressionistas que, via de regra, tomavam o texto como pretexto. Por outro lado, a repressão política andava à solta pelos corredores universitários, e qualquer alusão ou defesa de algum tipo de justiça social ou de crítica ao sistema político vigente poderia gerar suspeitas de esquerdismo. Assim, entre a vida social e a vida intelectual, ficavam os estudos literários que em alguns casos privilegiavam a forma, em outros, o conteúdo, como se fossem instâncias independentes.

Quando o Centro Acadêmico de Estudos Literários – CAEL (hoje, CAELL – Centro Acadêmico de Estudos Linguísticos e Literários Oswald de Andrade) decidiu criar uma revista que nasceu e morreu no seu primeiro número, fiz parte do grupo que projetou a revista e que se encarregou da preparação do artigo de fundo que versava sobre a arte “comprometida” e a arte “alienada” – tema fundamental da pauta de alguns estudantes daqueles tempos que buscavam nas letras e nos caminhos críticos um comprometimento com os nossos destinos sociais e políticos.

Nesse cenário, alguns textos tornavam-se imprescindíveis na formação de um estudante de Letras, como *A Teoria do Romance* de Lukács e também a *Estética* de Hegel, na medida em que ambos tinham a preocupação de vincular as formas artísticas à história, oferecendo um substrato filosófico para a leitura dos textos e, ao mesmo tempo, encontrando um sentido histórico na constituição dos gêneros literários. Havia também a *História Social da Literatura e da Arte* de Arnold Hauser que parecia ordenar as diversas linguagens artísticas ao sistematizar os estilos nos diferentes períodos históricos. O estruturalismo que nos chegava, por outro lado, parecia querer aproximar os textos a fórmulas exatas que pareciam privilegiar a imanência em detrimento da transcendência.

Em meio a tudo isso, fiquei com o *Quixote*. Talvez não fosse o mais adequado na época, uma vez que estudar “velharias” poderia corresponder à ignorância das premências do tempo presente, no entanto, em se tratando de Cervantes, a opção não

seria tão grave. No campo do estudo das literaturas em língua espanhola havia um vasto repertório de narrativas hispano-americanas aguardando leituras críticas. No âmbito da literatura espanhola havia toda uma produção literária voltada para o período da Guerra Civil e para os anos franquistas (onde se enquadraria, por exemplo, o romance de Goytisolo – *Señas de Identidad* – sobre o qual eu havia elaborado a monografia em Madri, em 1976) que despertavam, sem dúvida, grande interesse. No entanto, ao ingressar no Mestrado, ainda que estas possibilidades de estudo fossem também atrativas, nada se igualava aos velhos textos dos séculos XVI e XVII, em particular, a obra de Miguel de Cervantes.

Embora tudo ainda fosse embrionário quando iniciei a Pós-Graduação, eu tinha uma certeza que poderia parecer bastante pretensiosa: desde o início do Mestrado almejava elaborar um trabalho que fizesse sentido não apenas no âmbito brasileiro, mas também na esfera dos estudos cervantinos. Ao contrário do que dizia o meu orientador: “o importante é como os brasileiros leem a literatura espanhola”, eu julgava que nesse lugar, isto é, nos estudos literários e, mais especificamente, nos estudos cervantinos, não havia nação, não havia fronteiras e o território era tão vasto quanto o horizonte em meio ao oceano. Pensar que “o importante é como os brasileiros leem a literatura espanhola” poderia equivaler a um mergulho interpretativo nos textos, sem levar em conta o que outros críticos refletiram e disseram sobre as obras. Ao menos foi sempre desse modo que entendi esta afirmação.

• O Mestrado e o Maneirismo

Considerando retrospectivamente, creio que por azar e não por sorte acabei encontrando, quando estava ainda no Mestrado uma obra de Arnold Hauser, intitulada *Origen de la Literatura y del Arte Modernos*, traduzida posteriormente para o português sob o título de *O Maneirismo*. Fiquei deveras impressionada com o conjunto das análises de Hauser, capaz de reunir as diversas áreas do conhecimento na apresentação do que seria o nascimento e a crise do “homem moderno”, como se houvesse um movimento nítido de correspondência entre a filosofia, as artes, a religião, a economia, a psicanálise,

etc., em que a história ocupava o lugar de regente da orquestra de um mundo em constante crise. Evidenciando as chagas desse homem dilacerado, o estudo de Hauser apresentava uma visão organicista dos movimentos históricos em que boa parte dos conteúdos se aplicava tanto para os séculos XVI e XVII quanto para os tempos atuais.

Além do mais, tudo levava a crer que a obra havia sido concebida a partir do *Dom Quixote*, pois as referências centrais e os exemplos mais marcantes brotavam da obra de Cervantes; quando não, entravam em cena Hamlet, Don Juan, Segismundo e Fausto: todos eles exemplos do homem maneirista, contraditório, angustiado, dividido. Sem dúvida, essa visão da arte e do mundo me entusiasmava e deixava a ilusão de que ela organizava as idéias no tempo e no espaço.

Apesar de considerar que este seria um “estudo histórico”, dois pontos começaram a se tornar problemáticos. Um deles era o fato de que os referenciais de Hauser para tratar dos séculos XVI e XVII acabavam se estendendo até os dias de hoje, como se a vida fosse a mesma desde então; o outro era a confusão conceitual que existia em torno de um estilo de época, formulado a partir de diversas perspectivas do século XX. Cada autor entendia o Maneirismo à sua maneira: Hauser, Curtius, Gustav Hocke, Hatzfeld, entre outros, cada um deles tinha o seu conceito de Maneirismo, no entanto, para o trabalho que eu pretendia desenvolver, as idéias de Hauser sobre o Maneirismo prevaleceram sobre as outras, não exatamente por uma questão conceitual, mas sobretudo por alguns aspectos técnicos que ele destacava como a recorrência ao paradoxo, o que, para o desenvolvimento da análise do texto de Cervantes tornava-se produtivo.

De qualquer modo, eu trazia comigo um desconforto de caráter teórico e não encontrava com quem compartilhá-lo: como era possível entender os tempos cervantinos por meio de categorias tão atuais, tão próximas do homem dos dias de hoje? Não haveria nesse enfoque uma incoerência metodológica ao utilizar critérios tão contemporâneos para obras de um passado tão distante? Nesse momento, isto é, durante o Mestrado eu não tinha condições de levar a indagação adiante, com risco de perder os prazos da Pós-Graduação. Além do mais, para mim era fundamental a análise do texto e desse modo dediquei atenção especial ao episódio dos Duques – isto é, do capítulo 30 ao 57 da segunda parte –, no qual encontrava uma multiplicidade de

paradoxos que se traduziam por uma ampla harmonia de contrários, tratando de integrar os resultados da análise numa visão histórico-cultural do mundo maneirista.

- **Doutorado e a crise da leitura romântica**

No Doutorado, eu já não estava interessada nos estilos de época, e sim em duas outras questões: o *Quixote* como obra que traz alguns dos fundamentos do romance, tendo em conta a obra de Lukács que o classifica como pertencente à categoria do “idealismo abstrato”, e o estudo da relação entre as personagens leitoras e o cavaleiro resultante de um processo de auto-referencialidade textual. Partia da idéia de que, embora na primeira parte da obra predominasse o “idealismo abstrato”, na segunda, tendo em conta os sucessivos encontros da personagem com seus próprios leitores, já se esboçava a base do “romantismo da desilusão” e, nesse caso, o cavaleiro, sempre tão seguro quanto à sua missão cavaleiresca, começava a esboçar dúvidas sobre sua própria identidade, anunciando outro momento da constituição do romance como gênero, segundo a tipologia proposta pelo jovem filósofo húngaro.

No entanto, ainda que desconhecesse o que a poderia substituir, permanecia comigo certo incômodo com a ideia de ter como base uma teoria construída muito após a composição da obra, com referenciais de outros tempos. Da mesma forma, gostaria de encontrar textos que tratassem de aspectos históricos e culturais da Espanha produzidos nos séculos XVI e XVII, mas, sem maiores referências e com uma biblioteca bastante incompleta, não via muita saída a não ser me conformar com alguns estudos filtrados por visões de historiadores contemporâneos. Nesse sentido, foi uma preciosidade quando pude ter em mãos, em 1995 (portanto após a defesa do Doutorado) a reedição do *Memorial de la política necesaria y útil para la restauración de la República de España*, de 1600, de autoria do Licenciado Martín González de Cellorigo, em que apresenta uma radiografia microeconômica e também cultural do chamado meio-dia espanhol.

Em 1990, quando tive a oportunidade de passar quarenta e cinco dias em Madrid por intermédio do Convênio BID/USP, uma das primeiras obras que consultei

na Biblioteca Nacional foi o estudo de Close, *The Romantic Approach to DON QUIXOTE: A Critical History of the Romantic Tradition in QUIXOTE Criticism* (1978), o que me gerou uma verdadeira crise intelectual. Como num espelho, pude ver retratada a leitura que eu fazia da obra, plena e coerentemente caracterizada como uma abordagem romântica, alvo de contundentes críticas por parte de Close. Para ele, a crítica romântica era “sentimental, séria, patriótica e subjetiva” e comportava vários equívocos, entre eles, partia da idealização do herói, escamoteando o propósito satírico da obra, encontrava simbolismos que expressavam a relação do espírito humano com a realidade e com a história da Espanha e interpretava a obra como reflexo da ideologia, da estética e da sensibilidade da era moderna.

Sem dúvida, o estudo de Anthony Close, assim como os trabalhos de Peter Russell (sobretudo “Don Quijote o la risa a carcajadas”), ambos autores britânicos, colocavam em xeque os princípios básicos que orientavam a leitura romântica e, conseqüentemente, a minha própria leitura. Apesar de me desnortarem radicalmente, no fundo me traziam a confirmação de que procediam as dúvidas e a insatisfação metodológica que eu sentia desde os tempos em que encontrei as referências para a leitura da obra de Cervantes presentes no *Maneirismo* de Hauser e, mais tarde, na *Teoria do Romance* de Lukács. Insatisfação que, naquele momento, conceitualmente, ainda não me era possível entender claramente como sendo fruto de uma abordagem “anacrônica”.

Em 1991, no *I Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, realizado em Almagro, na região da Mancha, pude assistir a verdadeiras justas cervantinas entre críticos “blandos” (os românticos) e “duros” (os realistas) como eram chamados naquele tempo os adeptos dessas duas tendências divergentes presentes no interior dos estudos cervantinos. Ainda não podia reconhecer amplamente os critérios que orientavam ambas as tendências, mas os trabalhos que me pareciam mais consistentes eram, sem dúvida, os dos “duros” que, via de regra, baseavam-se em relações com textos e poéticas dos séculos XVI e XVII. Um fator que servia como divisor de águas entre ambas as tendências era a interpretação trágica em contraposição à leitura cômica que já aparecia no estudo de Auerbach, “A Dulcinéia encantada”: velho conhecido

desde os tempos da Graduação e do qual, evidentemente, motivada pela leitura de viés romântico, sempre divergi.

Infelizmente, já não havia tempo suficiente para redirecionar o Doutorado adotando um rumo diverso, novamente correndo o risco de atrasar o período de entrega da tese e, conseqüentemente, de ter problemas com o meu contrato com a USP. Assim sendo, tive que concluir o trabalho, mesmo encontrando nele problemas conceituais e metodológicos. Defendi o Doutorado com a consciência de que teria que revisar vários pontos da leitura que eu fazia do *Quixote*, da obra de Cervantes e dos demais autores dos séculos XVI e XVII, sem saber ao certo por onde iniciar esse longo caminho. Quando publiquei *O Dito Pelo Não Dito: Paradoxos de Dom Quixote*, em 1998, os objetivos principais que orientaram a publicação foram o de se evitar ao máximo os anacronismos na consideração da obra e ao mesmo tempo apresentar aos leitores e estudiosos brasileiros o debate crítico que ocorria no interior dos estudos cervantinos, oferecendo outras possibilidades de leitura que destacavam, entre outras coisas, em lugar do trágico, o viés cômico presente na obra de Cervantes.

- **Caminhos que se bifurcam**

Em 1994, numa viagem que fiz a Barcelona após participar do *II Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas* realizado em Nápoles, numa noite fria e chuvosa de primavera, fui me encontrar com o Prof. Alberto Blecua que, segundo me informara Rosa Navarro, professora da Universidad de Barcelona, freqüentava uma tertúlia literária num bar distante do centro da cidade, sempre à noite e num determinado dia da semana. Tratei de deixar de lado a timidez, que não era pouca, e concentrei-me na idéia de que precisava ter alguma orientação a respeito do destino que daria à minha pesquisa. Não o conhecia pessoalmente e mesmo assim ele me recebeu com muita atenção e generosidade – dessas coisas de que a gente não se esquece jamais. Revendo hoje, à distância, tenho a impressão de que em seguida ele se deu conta de que no meu caso prosseguir com os estudos sobre a auto-referencialidade no *Quixote* não seria um bom caminho e então me perguntou se já havia estudos sobre a recepção do

Quixote no Brasil, o que, segundo ele, seria algo de interesse também para os estudos sobre a obra de Cervantes. Nesse caso, a pesquisa poderia orientar-se para a investigação da presença da obra cervantina na prosa narrativa, em ensaios, poesias, obras dramáticas, enfim, onde mais enfaticamente se observasse a presença de dom Quixote. Tive a grata oportunidade de reencontrar-me com Alberto Blecua em Oviedo, em 2012, durante o VIII *Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas* e pude comentar com ele a importância que teve nos destinos que dei à minha pesquisa a conversa informal que tive com ele naquela noite, havia já dezoito anos.

A partir daquele encontro, decidi bifurcar os campos de pesquisa: por um lado, a recepção da obra que havia ocorrido no Brasil, um tema que muito me atraía; por outro, os estudos cervantinos propriamente ditos, que eu tentaria levar paralelamente, meio na surdina. Considerei que minha participação nos congressos da Asociación de Cervantistas e da Asociación Internacional de Hispanistas era imprescindível porque reuniões desse tipo funcionavam, na maior parte das vezes, como “cursos intensivos” que me permitiam ir desenhando um mapa das pesquisas sobre a obra de Cervantes. Nesse tempo ainda não estavam disponíveis muitos trabalhos na Internet, a importação de livros se tornava dispendiosa e a Biblioteca da FFLCH que, a meu ver, é a mais completa do Brasil sobre literatura espanhola, ainda estava muito desatualizada. Desse modo, as reuniões de especialistas filtradas por um olhar observador acabavam preenchendo lacunas importantes e ao mesmo tempo ofereciam várias possibilidades de análise.

Por ironia do destino, a orientação que acabei dando às minhas pesquisas foi encontrada aqui mesmo, bem distante portanto dos congressos e reuniões internacionais, em casa, na mera leitura silenciosa. Os trabalhos de João Adolfo Hansen sobre a literatura colonial e sobre as práticas de representação nos séculos XVI e XVII foram, sem a menor dúvida, decisivos nos destinos que fui dando à minha pesquisa.

1) *Dom Quixote* no Brasil

A partir da defesa do Doutorado, iniciei uma pesquisa inédita que me valeu uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq: estudo da recepção do *Quixote* na literatura brasileira. O exercício de análise dessa recepção levou-me à conclusão já

previsível de que a obra foi lida, via de regra, por um viés romântico e idealista. Não tinha interesse em fazer um levantamento amplo do ponto de vista quantitativo, e sim em encontrar parâmetros que coordenassem a leitura da obra no Brasil. Até onde pude localizar, o marco inicial da recepção se dá no século XVIII com *A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança* (1733), de Antonio José da Silva, escrita em Portugal. No século XIX pude encontrar citações em Álvares de Azevedo, José de Alencar e também em Machado de Assis e, nas últimas décadas, surgem evidências mais nítidas da presença da obra no contexto brasileiro, que se mantiveram ao longo de todo o século XX. Na livre-docência apresentei uma série de artigos que se aprofundaram nessa perspectiva de estudo. Tenho ainda alunos na pós-Graduação que se enveredaram por esse caminho que continua sendo um campo importante de pesquisa dentro dos estudos cervantinos. A história da recepção da obra no Brasil supõe o inventário dos ecos que a obra deixa ao longo dos tempos.

2) O Discreto, a narrativa cervantina...

Em 2002, apresentei novo projeto ao CNPq, que me reconduziria diretamente para o estudo da obra de Cervantes; em particular, para as *Novelas Exemplares*. Esse novo momento da pesquisa teve sua origem num estudo de João Hansen intitulado “O Discreto”, ao qual já me referi, que me abriu um novo campo de investigação capaz de aliar procedimentos retórico-poéticos às práticas de representação, próprias da Península Ibérica dos séculos XVI e XVII. A partir daí fui ampliando a leitura bibliográfica, buscando tratados da época que integravam as palavras aos gestos, estabelecendo conexões entre os códigos de conduta e os processos de enunciação. Em 2004, por ocasião do *V Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, apresentei um trabalho sobre a novela do “Curioso Impertinente” com essa perspectiva de análise e pude constatar que se tratava de um enfoque inovador dentro dos estudos cervantinos, tendo em conta a acolhida que teve o trabalho por parte de alguns estudiosos como Aurora Egido e Agustín Redondo.

Talvez seja importante sublinhar que minha formação não privilegiou os estudos clássicos o que sem dúvida me fez grande falta. Mas, apesar dessa lacuna, aos poucos fui tendo a oportunidade de entrar em contato com textos que circularam nos séculos

XVI e XVII e assim pude considerar a composição da obra de Cervantes a partir de referenciais de seu tempo. Cabe observar que também passou a existir um movimento editorial importante na Espanha com publicações e traduções de textos escritos em latim, sobretudo do século XVI, tornando acessíveis muitos documentos que até pouco tempo atrás ficavam restritos aos acervos de “obras raras” de bibliotecas especializadas.

A partir do “Curioso Impertinente”, encontrei um vasto campo de pesquisa, fazendo com que se dissipasse o problema principal que me inquietava desde o início do Mestrado: a leitura da obra de Cervantes por critérios alheios a seu tempo e a sua história. A discrição, a vulgaridade, a dissimulação, assim como a simulação e outros códigos similares presentes em diversos tratados passaram a constituir categorias importantes na análise de fragmentos do *Quixote*, assim como de algumas das *Novelas Exemplares*. Por meio desses referenciais, a presença de dom Quixote no espaço cortesão, como ocorre nos dias em que ele e Sancho se hospedam no palácio dos Duques, ganha sentido cômico burlesco, muito distante, portanto, da interpretação sentimental e idealista que encontrava na ação dessas personagens aristocráticas uma perversidade voltada para a destruição do cavaleiro e seu escudeiro.

A possibilidade de aliar alguns tratados de conduta à composição da narrativa cervantina acabou me conduzindo à idéia de que a obra de Cervantes, assim como a dos demais autores da época, dialoga intensamente com um variado repertório discursivo, entre eles, o diálogo humanista, os tratados de poética, as diversas formas narrativas, dramáticas, os “cuentos”, os apotegmas, adágios, emblemas, poliantes, etc. Nessa intersecção de formas, a novela picaresca, entre outras, interfere na própria constituição de Dom Quixote (e não apenas na de Sancho) que, no auge de seus delírios cavaleirescos, acaba sobrepondo à sua própria imagem a figura do pícaro que intercepta qualquer possibilidade de alimentar ilusões do universo da cavalaria.

Outro campo de pesquisa sobre o qual me concentrei foi o modo como se processa a sátira em consonância com a imaginação, tendo em conta os preceitos neoaristotélicos da verossimilhança. As obras cervantinas selecionadas para o desenvolvimento do projeto foram *Coloquio de los perros*, o *Licenciado Vidriera* e o *Quixote*, que exploram os recantos mais subterrâneos dos limites entre verdade poética e

verdade histórica. A partir do estudo dessas obras, o que se pretendeu foi analisar seus vieses satíricos levando em conta a crítica implícita aos vícios como o da maledicência.

Como se sabe, nos séculos XVI e XVII aparecem traduções e emulações de alguns autores satíricos clássicos como Luciano de Samósata, Apuleyo, Menipo de Gadara, entre outros, realizadas na Europa e também na Espanha e que exploram temas como a viagem fantástica, a utopia, o sonho, o diálogo filosófico, de modo que algumas composições da época encontram na imaginativa o elemento central para a composição satírica cuja convenção básica é a repreensão aos vícios.

No cenário ibérico e em particular na obra de Cervantes observa-se a recorrência a alguns procedimentos e motivos fundamentais da sátira lucianesca tais como a formulação dramatizada da enunciação e a meta-escritura. Embora estes recursos tenham sido amplamente utilizados pelo autor do *Quixote*, a pesquisa desenvolvida evidenciou que sua escritura se mantém plenamente preservada de uma sátira difamadora como menciona em *Viaje del Parnaso* («Nunca voló la pluma humilde mía / por la región satírica, bajeza / que a infames premios y desgracias guía») ou mesmo no *Quixote*, como quando o cavaleiro, em conversa com o dom Diego de Miranda, defende a profissão de poeta desde que esta não resvale pelos caminhos da sátira desonrosa. Assim como Horacio, que afirma que sua “pluma jamás atacará caprichosamente a persona viviente”, Cervantes também se inscreve dentro dessa orientação que pode ser entendida como uma sátira “más mansa”, dentro da configuração dada por Pinciano à sátira latina, diferentemente da sátira grega que teria um caráter mais incisivo e procedia à imitação dos vícios explicitando as indicações de tempo e de pessoa.

Do ponto de vista da poética de Luciano, como diz Jacynto Lins Brandão, diferentemente do conceito aristotélico de verossimilhança o autor não se centra no que aconteceu e nem no que poderia ter acontecido, mas no que jamais poderia acontecer. Assim, seus relatos vão trilhar os caminhos da ficção, passando a ser a própria ficção um de seus traços distintivos. O curioso é observar o que faz Cervantes com essa orientação ao introduzir no *Quixote* a viagem sobre Clavileno empreendida pelo cavaleiro e por Sancho, ao relatar a loucura contumaz de Vidreira considerando-se ser homem feito de vidro, ou mesmo em *Colóquio de los perros* quando dois cães falantes

e filósofos dialogam a propósito da narração que faz Berganza a Cipi3n a respeito de sua hist3ria de vida. Adotando um enquadramento pr3prio da po3tica luci3nica, Cervantes consegue conferir credibilidade 3 narrativa gra3as aos artif3cios que produz na constru3o da verossimilhan3a. A formula3o dramatizada da enuncia3o concretizada no *Col3quio* – provavelmente um dos textos mais complexos de Cervantes – orienta-se pelo decoro prescrito nos c3digos de conduta vigentes, conduzindo 3 id3ia de que tanto a virtude quanto o v3cio independem do lugar que se ocupa na hierarquia social. Como diz Cipi3n no final da novela, “la virtud y el buen entendimiento siempre es una y siempre es uno, desnudo o vestido, solo o acompa3ado”.

Atualmente, a pesquisa a que me dedico tem a perspectiva de deter-se em unidades menores do texto na busca de nexos sutis entre epis3dios e di3logos textuais estabelecidos com diferentes formas discursivas provenientes de variadas zonas da imagina3o.

Como se sabe, nos tempos de Cervantes o que predominava no campo da composi3o textual era um envolvimento t3cito de preceptivas po3ticas e ret3ricas que acabavam fornecendo a base de sustentaa3o para as formas discursivas. O conceito de “poesia” abrigava diferentes g3neros liter3rios e correspondia a um conjunto de opera3es racionais baseadas na produ3o de uma s3rie de artif3cios com o objetivo de fingir uma “apar3ncia de verdade”. 3 desse modo que Antonio Lulio, em seu tratado intitulado *Sobre el decoro en la po3tica*, provavelmente de 1558, entende a poesia que, assim considerada, n3o seria nem espont3nea e nem subjetiva; ao contr3rio, tudo na arte da composi3o po3tica se relacionaria com uma s3rie de preceptivas que orientavam a imita3o, supondo um c3lculo preciso nas diversas etapas de sua produ3o em que os “assuntos e o pensamento”, o “m3todo”, as “figuras”, a “dic3o”, a “composi3o”, tudo, enfim, seria resultado de uma combina3o artificiosa.

Como tamb3m esclarece Lulio, 3 preciso ter em conta que os “poetas hablan en otra lengua” como se para entrar em contato com textos produzidos nos s3culos XVI e XVII o leitor de hoje tivesse que – mais do que o leitor daqueles velhos tempos – aprender a l3ngua dos poetas, conhecer seu universo de conven3es, o que sup3e o deslocamento necess3rio de seu quadro de refer3ncias e sobretudo de seus crit3rios e concep3es acerca do que vem a ser uma obra po3tica.

Com essa perspectiva, o referencial teórico para a abordagem da obra de Cervantes deve ser constituído por tratados de retórica e poética que circularam nos séculos XVI e XVII ibéricos (Aristóteles, Cícero, Quintiliano, *Retórica a Herenio*, Hermógenes, Minturno, Juan Luis Vives, El Brocense, Matamoros, Pinciano). Tendo em conta esse conjunto de preceptivas, o que se pretende é examinar a obra cervantina a partir de seu processo de composição tendo como eixo fundamental as opções realizadas que tratam de relacionar escolhas retóricas com soluções poéticas.

Por outro lado, como bem se sabe, Cervantes não freqüentou os bancos universitários e nem regularmente participou de academias, embora estivesse plenamente familiarizado com as preceptivas de seu tempo. Além do conhecimento próprio de um homem das letras e também por ser um inveterado leitor, como diz no capítulo 9 da primeira parte do *Quixote* – “yo soy aficionado a leer aunque sean los papeles rotos de las calles” – ele goza de um princípio de liberdade poética, talvez decorrente de um processo de emulação em relação à novela antiga, que lhe assegura, por intermédio de sua obra, um protagonismo literário muito além de seu tempo e seu espaço. Liberdade que diz respeito não apenas à sua arte de composição poética mas que também se encontra na constituição de sua personagem que mais ganhou fama e reconhecimento nos “siglos venideros”. Como diz dom Quixote a Sancho, “la libertad [...] es uno de los más preciosos dones que a los hombres dieron los cielos; con ella no pueden igualarse los tesoros que encierra la tierra ni el mar encubre; por la libertad así como por la honra se puede y debe aventurar la vida” (*DQ*, II, LVIII).

“el hombre callado pocas veces importuna, y a un hombre muy hablador no hay paciencia que lo sufra”

Pedro Mexía, *Silva de varia lección*

Parte III: Currículo Lattes